

**REGISTROS E MEMÓRIAS DAS PRODUÇÕES
EXTENSIONISTAS ARTÍSTICO-MUSICAIS DO IFPB –
CAMPUS JOÃO PESSOA**



Coletânea Rede Rizoma n° 8

 **editoraIFPB**



Reitor do IFPB

Cícero Nicácio do Nascimento Lopes

Pró-Reitora da PROEXC/IFPB

Maria Cleidenédia Morais Oliveira

Diretor da Editora/IFPB

Carlos Danilo Miranda Régis

Organização e editoração da obra

George Glauber F. Severo e Beatriz A. de Sousa

Comitê Editorial da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC)/IFPB

Portaria 43/2020/ PROEXC/REITORIA/I FPB

- George Glauber Félix Severo - Presidente
 - Beatriz Alves de Sousa
 - Edilson Ramos Machado
- Maria José Batista Bezerra de Melo
 - Mellyne Palmeira Medeiros
 - Veronica Maria Rufino de Sousa
 - Alexandra Cristina Chaves
- Maria Tereza de Souza Neves da Cunha
 - Daniel Everson da Silva Andrade
 - Ariana Silva Guimarães

Italan Carneiro
Marina Tavares Zenaide Marinho
Organizadores

**REGISTROS E MEMÓRIAS DAS PRODUÇÕES EXTENSIONISTAS
ARTÍSTICO-MUSICAIS DO IFPB – *CAMPUS* JOÃO PESSOA**

João Pessoa, PB
Editora do IFPB
2020

Copyright ©2020 por Italan Carneiro e Marina Tavares Zenaide Marinho.
Qualquer parte dessa obra pode ser reproduzida, desde que citada à fonte.
Disponível também em: <editora@ifpb.edu.br>.
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA (IFPB)
PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Jair Messias Bolsonaro
MINISTRO DA EDUCAÇÃO

Milton Ribeiro
SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Ariosto Antunes Culau
REITOR DO IFPB

Cícero Nicácio do Nascimento Lopes
PRÓ-REITORA DE ENSINO

Mary Roberta Meira Marinho
PRÓ-REITORA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO

Silvana Luciene do Nascimento Cunha Costa
PRÓ-REITOR DE ASSUNTOS ESTUDANTIS

Manoel Pereira de Macedo Neto
PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS

Pablo Andrey Arruda de Araújo
PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E CULTURA

Maria Cleidenédia Moraes Oliveira
DIRETOR EXECUTIVO DA EDITORA

Carlos Danilo Miranda Regis
CAPA E DIAGRAMAÇÃO

Thaise Marques de Lima
LOGO DA REDE RIZOMA

Fernando A. A. de Macêdo Júnior

Todo conteúdo dessa obra é de inteira responsabilidade dos seus autores e organizadores

Dados Internacionais de Catalogação- na -Publicação (CIP)
Biblioteca Nilo Peçanha IFPB Campus João Pessoa

R337 Registros e memórias das produções extensionistas artístico-musicais
do IFPB – *Campus* João Pessoa / Italan Carneiro e Marina Tavares Zenaide Marinho
(orgs.). – João Pessoa: IFPB, 2020.

56p. il.

Formatos: impresso e e-book

ISBN: 978-65-87572-15-4

1. Extensão /IFPB. 2. Núcleos de extensão do IFPB. 3. I. Italan Carneiro. II. Marina
Tavares Zenaide Marinho.

CDU 377.4



CONSIDERAÇÕES SOBRE A COLETÂNEA REDE RIZOMA

Desde 2014, a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura do Instituto Federal da Paraíba (PRO-EXC/IFPB) vem desenvolvendo uma proposta popular e autogestionada de extensão como parte do seu Plano de Promoção de Políticas de Extensão. Trata-se de uma política de reconhecimento e fortalecimento de coletivos acadêmicos que se materializa por meio da criação e expansão de núcleos de extensão, representando a ponte necessária para que a Instituição chegue até a sociedade de forma mais eficaz. Isso contribui não só para atender às demandas das comunidades, mas também, proporciona aos docentes, técnicos-administrativos e estudantes a oportunidade de experienciar e vivenciar a realidade extramuros do IFPB.

Os “Núcleos de Extensão da Rede Rizoma IFPB: tecnologia em extensão” compõem um conjunto organizado e estruturado de ações extensionistas articulada com os *Campi*, de forma a garantir a sustentabilidade e continuidade das ações desenvolvidas pelos extensionistas dessa Instituição. Com objetivo de incentivar a produção e disseminação das experiências resultantes das atividades de extensão e cultura, em 2017, foi idealizada uma série de publicações denominada “Coletânea Rede Rizoma” com a linha editorial voltadas aos núcleos de extensão, publicando na época, os dois primeiros números dessa série.

Os processos metodológicos e pedagógicos, que permeiam as publicações dessa coletânea, contemplam a memória das ações dos núcleos, ao passo que evidenciam as relações dialógicas estabelecidas com seus parceiros sociais, na perspectiva de uma extensão cidadã, com participação ativa de estudantes, contribuindo para uma formação profissional e tecnológica contextualizada aos dilemas sociais, culturais, ambientais e econômicos locais.

Assim sendo, é com grande prazer que o Comitê Editorial da PROEXC está editando mais **seis números** dessa Coletânea, reafirmando o compromisso de registrar, divulgar e socializar os conhecimentos gerados no âmbito dos núcleos de extensão, contribuindo para uma reflexão sobre os sentidos, as lições aprendidas e os saberes produzidos na forte interação Instituto e sociedade. Aproveitamos o momento para agradecer aos(as) autores(as), aos(as) organizadores(as), aos(as) avaliadores(as) e a todos(as) que de alguma maneira contribuíram para feitura dessas obras. Por fim, desejamos uma boa leitura a todos(as).

Comitê Editorial da PROEXC

CONTEXTUALIZAÇÃO DAS AÇÕES DE EXTENSÃO VOLTADAS ÀS PRÁTICAS ARTÍSTICO-MUSICAIS DO IFPB *CAMPUS* JOÃO PESSOA

Italan Carneiro; Marina Tavares Zenaide Marinho

Nos mais de 110 anos de existência do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) verifica-se o registro de vários grupos e projetos culturais ligados à Música ou às Artes de modo geral que contribuíram (e ainda contribuem) de forma efetiva com o desenvolvimento de atividades artístico-musicais da instituição ligadas ao ensino, pesquisa e/ou extensão. Alguns já encerraram suas atividades como a Banda de Música (1971), Grupo Folclórico (meados da década 1970), Banda Marcial (1981), Orquestra de Câmara (1994), Big Band (2009), dentre outros. No entanto, todos deixaram na memória institucional uma importante contribuição para a construção do conhecimento e da prática cultural.

Atualmente, dentre os grupos que desenvolvem atividades artístico-musicais no IFPB *Campus* João Pessoa, citamos: o Coral Luíza Simões Bartolini (1978), o Grupo de Teatro (1997), o Grupo de Sax (2007), a Orquestra de Cordas do IFPB - OCIFPB (2009), a Camerata de Violões e Cordas Pinçadas (2012), o Grupo MP5 (2013), Quadrivium Quarteto de Cordas do IFPB (2016). Além dos grupos, destacamos ainda a presença de projetos, programas, cursos e eventos. Todos estes estão ligados à área da cultura, sendo esta uma das áreas temáticas da extensão no âmbito do IFPB, e todos estão ainda vinculados à Coordenação de Artes ou à Coordenação do Curso de Instrumento Musical, em parceria com o Departamento de Inovação, Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Desafios Acadêmicos (DIPPED).

Ressaltamos o compromisso das atividades e registros contemplados neste livro com os objetivos extensionistas apresentados na Nota Técnica nº 02/2017 - PROEXC/IFPB que busca articular oportunidades culturais e sociais com os estudantes e comunidade acadêmica em geral; desenvolver parcerias com diferentes segmentos sociais; incentivar a prática acadêmica na busca de melhorias quanto à consciência social, ambiental, cultural e política dos discentes; oportunizar o intercâmbio institucional das atividades extensionistas e promover a constante interação da instituição com a sociedade.

No ano de 2019, a Coordenação do Curso de Instrumento Musical passou a desenvolver suas atividades extensionistas através do “Núcleo de Extensão em Música do IFPB/JP”, visando promover uma maior integração entre os Projetos de Extensão do *Campus* voltados à formação artístico-musical, objetivando a potencialização dos recursos materiais e humanos envolvidos nas diversas ações ali desenvolvidas. Nesse sentido, visando garantir ainda uma efetiva aproximação com as demais linguagens artísticas, o Núcleo de Extensão em

Música do IFPB/JP atua de forma articulada com o “Núcleo de Arte, cultura, educação” e com o “Núcleo de Estudos Musicais – NEMU”, ambos também vinculados ao *Campus João Pessoa*.

Espelhando o formato das atividades artístico-musicais e educacionais diante da diversidade e pluralidade das produções dos docentes e discentes nas diversas linhas extensionistas dos núcleos aqui articulados, esse livro fora dividido em três seções. A primeira seção encontra-se voltada às atividades relacionadas ao ensino de Instrumento Musical a partir da oferta de Cursos Livres de Extensão, abordando suas questões pedagógicas, metodológicas, de inclusão, relatos de experiência e abordagens práticas do ensino da música na extensão.

A segunda seção aborda as temáticas relativas aos grupos artístico-musicais, refletindo acerca de questões voltadas aos repertórios, formações instrumentais, práticas coletivas e performances artísticas. Apontando na direção de vivências articuladas entre a Instituição e a comunidade, tendo em vista a formação heterogênea características dos grupos musicais, os textos visam contribuir na divulgação e construção de acervo memorial das atividades culturais que se apropriam da música como forma de expressão coletiva. São abordados o Coro Luzia Simões Bartolini, o Grupo de Sax do IFPB, o Grupo MP5 e a Camerata de Violões e Cordas Pinçadas do IFPB, estando todos em funcionamento.

Finalizando este livro, na terceira seção encontramos textos que abordam as demais linguagens artísticas como o teatro e a pintura, que se apresentam de forma integrada com a música, seja quanto aos espaços, instrumentos ou os discentes compartilhados, oportunizando a ampliação de possibilidades pedagógicas extensionistas resultantes da articulação entre a música e a área das artes no IFPB Campus João Pessoa.

Concluindo, baseados no tripé do ensino, pesquisa e extensão, essa produção bibliográfica buscou demonstrar como a música se apresenta como um dos fios condutores dentro das artes num contexto geral, como possibilidade de contribuir de forma efetiva no processo de ensino-aprendizagem por sua sensibilidade, alegria, vivência artística, expressão emocional, socialização, inclusão, considerados elementos tão importantes e fundamentais para construção da natureza humana.

NÚCLEOS DE EXTENSÃO DO CAMPUS JOÃO PESSOA VINCULADOS À ARTE E CULTURA

O Núcleo de Extensão em Música do IFPB – *Campus* João Pessoa pretende promover a integração entre os Projetos de Extensão do *Campus* voltados à formação artístico-musical, objetivando a potencialização dos recursos materiais e humanos envolvidos nas diversas ações desenvolvidas. Esse processo de articulação interna pretende ainda oportunizar a integração entre os diversos parceiros sociais que vêm desenvolvendo trabalhos com o *Campus* João Pessoa. Ao garantir a troca de conhecimentos e experiências entre os Extensionistas (servidores, discentes, parceiros e comunidade), esperamos otimizar os resultados que seriam alcançados individualmente por cada Projeto, ampliando significativamente as vivências artístico-musicais promovidas. Destacamos ainda que as ações do Núcleo buscam a aproximação, estabelecendo diálogos numa via de mão-dupla, entre os saberes acadêmicos e os saberes produzidos pela comunidade da grande João Pessoa, promovendo o desenvolvimento sustentável, a igualdade de condições de acesso e permanência nos Projetos ofertados pela Instituição e o fortalecimento dos convênios, acordos de mútua cooperação, contratos e diálogos com a sociedade de modo geral. Desse modo, estaremos atendendo às determinações estabelecidas em documentos como o Plano Pedagógico do Curso (PPC) do Curso de Instrumento Musical e Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) materializando a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, interligados com seu compromisso social e cidadão, vinculados aos Cursos Técnicos Integrado e Subsequente em Instrumento Musical.

O Núcleo de Arte, Cultura e Educação surgiu em meados de 2013 a partir do desejo de compor uma rede que pudesse envolver ações articuladas das áreas de arte e educação produzidas por arte educadores dos diversos *campi* do IFPB. Sua trajetória é composta da produção de encontros de reflexões e planos de ensino da disciplina de Arte no IFPB, planejamento e execução do Festival da Música Pop (FESTIN 2014 e 2016), mobilização e participação na construção da proposta institucional que concorreu ao edital Mais Cultura nas Universidades (2014/2015), mobilização e apoio às atividades culturais do Encontro Nacional de Extensão (ENEX 2015), mobilização e apoio ao lançamento da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura do IFPB. A partir desse leque de ações percebeu-se a convergência com a ideia da Rede Rizoma: Tecnologia em extensão e a necessidade de abarcar os arte educadores sem distinção de formação e de ambientes de atuação, os parceiros sociais, de envolver os discentes e se organizar institucionalmente enquanto Núcleo de trabalho.

O **Núcleo de Estudos Musicais (NEMU)** é cadastrado na modalidade Núcleos de Extensão Pró-
-Unidades Territoriais de Vivências (NEPróUTV) do *Campus* João Pessoa desde 2019. Tem
por objetivo ser um espaço aglutinador dos saberes e fazeres musicais por meio da inter-
ligação e conexão de projetos e programas de extensão e pesquisa desenvolvidos dentro
da academia, com parceiros sociais e demais atores vinculados ao NEMU, que fomentam a
cultura local e promovem a solidariedade e a inclusão, tendo como mola propulsora a músi-
ca e integração das artes. Dentre as atividades de extensão e pesquisa aqui desenvolvidas
temos: Quadrivium Quarteto de Cordas do IFPB, Inclusão Musical do IFPB (INMUSIFPB) e
Orquestra de Cordas do IFPB (OCIFPB).

SUMÁRIO

1 MUSICOGRAFIA BRAILLE NO IFPB – <i>CAMPUS</i> JOÃO PESSOA: RELATOS DE UMA PRÁXIS INCLUSIVA.....	9
2 CURSO LIVRE DE EXTENSÃO EM INTRODUÇÃO À PEDAGOGIA DO INSTRUMENTO.....	14
3 ABORDAGENS PRÁTICAS E RELATOS DE EXPERIÊNCIAS EXTENSIONISTAS NO ENSINO DE VIOLINO NO IFPB <i>CAMPUS</i> JOÃO PESSOA.....	17
4 A INTENÇÃO NA EXTENSÃO: REFLEXÕES ACERCA DAS AULAS DE VIOLINO E VIOLA DO CURSO DE EXTENSÃO EM INSTRUMENTO MUSICAL DO IFPB – <i>CAMPUS</i> JOÃO PESSOA.....	21
5 O CONTRABAIXO ACÚSTICO ENQUANTO POSSIBILIDADE DE DESENVOLVIMENTO SÓCIO-ESTÉTICO-CULTURAL	24
6 A EXTENSÃO EM GUITARRA NO IFPB, <i>CAMPUS</i> JOÃO PESSOA, NO PERÍODO DE 2017 A 2019: EXPERIÊNCIAS, PROCESSOS E RESULTADOS.....	27
7 ENSINANDO E APRENDENDO: EXPECTATIVAS E REALIZAÇÕES DENTRO DO CURSO DE EXTENSÃO EM VIOLONCELO NO IFPB – <i>CAMPUS</i> JOÃO PESSOA (2016 A 2019).....	30
8 “FOI CANTO PRÁ TODO CANTO...” UMA VIVÊNCIA CÓRPORO-MUSICAL COM O CORO LUZIA SIMÕES BARTOLINI IFPB – <i>CAMPUS</i> JOÃO PESSOA ³	34
9 GRUPO DE SAX E GRUPO MP5: TEORIA E PRÁTICAS MUSICAIS NO IFPB - <i>CAMPUS</i> JOÃO PESSOA.....	37
10 CAMERATA DE VIOLÕES E CORDAS PINÇADAS DO IFPB: DADOS, ESTRATÉGIAS E DESAFIOS.....	40
11 A MÚSICA E A CONSCIÊNCIA AMBIENTAL TORNANDO A ESCOLA UM LUGAR MAIS ALEGRE E RECEPTIVO.....	44
12 QUEM PINTA SEUS MALES ESPANTA: UMA EXPERIÊNCIA COM MULHERES DA TERCEIRA IDADE.....	47
13 O GRUPO DE TEATRO DO IFPB/JP: 23 ANOS DE HISTÓRIAS QUE CABEM NA SACOLA	50

1 MUSICOGRAFIA BRAILLE NO IFPB – **CAMPUS JOÃO PESSOA**: RELATOS DE UMA PRÁXIS INCLUSIVA

José Alessandro Dantas Dias Novo; Adriano Caçula Mendes; Vinícius Lucena Fernandes

Este texto relata o desenvolvimento de Projeto de Extensão voltado para a educação musical de pessoas com deficiência visual. O projeto teve início em julho de 2014, motivado pela presença de duas alunas no Curso Técnico Integrado em Instrumento Musical do *Campus* João Pessoa, vinculadas à habilitação em piano, que eram cegas e apresentavam bastante dificuldade em seus estudos musicais. Destacamos a ausência de material musical disponível em braille na Instituição como um dos elementos limitadores da aprendizagem das estudantes.

Em 2015 o projeto realizou sua segunda edição e tem se renovado a cada ano, tendo em vista a necessidade de expandir a transcrição do programa do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPB para o braille. O Projeto apresentou como objetivo geral “promover a inclusão de deficientes visuais no âmbito do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPB”, desdobrado nos seguintes objetivos específicos: 1) Possibilitar aos deficientes visuais vivências e práticas musicais no ambiente de ensino regular, estimulando-os através da Musicografia Braille; 2) Fomentar a utilização da Musicografia Braille potencializando o ensino da música para os Deficientes Visuais; 3) Produzir materiais pedagógicos que subsidiem a formação musical de pessoas com deficiência visual.

A Educação Musical vem desenvolvendo trabalhos e pesquisas nos mais diversificados campos de atuação, objetivando oportunizar as práticas musicais nos mais diferentes contextos da música (popular, religiosa, clássica, contemporânea, entre outras). O foco está no desenvolvimento do conhecimento musical, com vistas ao estabelecimento de oportunidades de estudo para todos. Atualmente, vem atuando na área da “Educação Especial”, área bastante ampla, pois, além da diversidade de categorias existentes; o assunto está dentro de outro campo do ensino bem abrangente e polêmico a Inclusão Social que é caracterizada pela luta dos grupos minoritários por seus direitos na sociedade. A Educação Inclusiva tem como marco a Declaração de Salamanca – que estabelece como princípio que as escolas regulares dos sistemas de ensino devem ser o *lócus* da inclusão. Estas deverão acolher todas as crianças, independentes de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais e linguísticas.

Com relação aos projetos de Educação Musical Especial, podemos destacar o Musibraille, desenvolvido na Universidade de Brasília (UNB). Surgiu com a intenção de qualificar pessoas para o ensino de música aos deficientes visuais. A Musicografia Braille é uma área do estudo da música que está focada em prover o acesso de deficientes visuais e pessoas

de visão reduzida ao material musical escrito em tinta através do sistema de grafia braille. Toda partitura pode ser escrita com os 63 símbolos Braille, indicando inúmeros detalhes das partituras escritas com tinta. Apesar disso, há pouco material e *softwares* que possibilitem o trabalho nesta área. Muitas vezes este fato é agravado pela falta de experiência dos professores de música para lecionar aos deficientes visuais alegando que é impossível passar o conteúdo das partituras, efetivamente. Isso dificulta a inclusão de músicos deficientes nas escolas e faculdades de música. As partituras em Braille proporcionam autonomia e independência, abrindo ainda novas possibilidades de trabalho para este público. O uso de software específico proporciona ao músico deficiente a possibilidade de escrever suas próprias composições e ainda imprimi-las em tinta.

Existe um número significativo na produção de materiais didáticos direcionados para o ensino mais efetivo e abrangente da música. Apesar de haver esse conjunto de métodos e materiais didáticos de educação musical produzidos no Brasil, percebe-se uma necessidade de aumentar a produção de material na área da educação especial, especificamente na educação de pessoas com deficiência visual.

1.1 Desenvolvendo as partituras braille

Durante os meses de abril e maio de 2018 a equipe envolvida no projeto esteve empenhada em pesquisar o material disponível sobre Musicografia Braille, com o objetivo de conhecer as possíveis carências e, assim planejar como poderia contribuir de forma mais efetiva na produção, não só de partituras, mas, também, de apostilas sobre Teoria Musical. Para tanto, foram realizados 02 (dois) encontros semanais, com duração de 03 (três) horas cada encontro. As fotos abaixo apresentam bolsistas do Projeto transcrevendo partituras e a participação de estudante cego em oficina de Musicografia Braille¹.



Fotos 1 e 2 - Bolsistas utilizando o sibraille e estudantes com deficiência visual participando de Musicografia Braille

Nos meses de junho a novembro de 2018, o plano de ação esteve voltado para a produção de partituras em braille, sendo utilizados neste processo os programas Musibraille e Braille Fácil, que tornam possível a elaboração desse material, além de uma impressora braille. Paralelo a essa etapa da pesquisa, foi ministrado um curso sobre como operar o software Musibraille. Essa capacitação ocorreu no IFPB – *Campus* João Pessoa, com o objetivo de capacitar estudantes e professores e interessados a utilizarem esta ferramenta.

1.2 Capacitação para o uso do Musibraille

Entre os meses de outubro e dezembro, seriam ministradas aulas de teclado aos alunos do Instituto dos Cegos, utilizando todo o material de partituras produzido durante o Projeto mas por motivo de força maior não foi possível a realização dessa etapa.

No primeiro semestre de 2019, com a entrada de um estudante cego na área de violão do

¹ Oficina realizada no VI Encontro sobre Música e Inclusão, na Escola de Música da UFRN, no período de 7 a 10 de dezembro de 2018.



Foto 3 - Capacitação para o uso do Musibraille



Foto 4 – Aluno cego fazendo uso de partitura

Curso Técnico, houve a necessidade de capacitação do docente responsável pela área acerca dos *softwares* já mencionados, ampliado as possibilidades de atendimento de demandas específicas no campus João Pessoa do IFPB. Foram produzidas partituras em braille do Método de Iniciação ao Violão, de Henrique Pinto além de arranjos autorais de canções populares para atender as demandas técnicas e pedagógicas do estudante.

1.3 Considerações finais

Através do Projeto foi possível elaborar a transcrição de um material de Teoria Musical e partituras que foram (e continuam sendo) usadas com os alunos do segundo ano do Curso Técnico em Instrumento Musical. A utilização de tal material foi de fundamental importância para o crescimento musical dos alunos com deficiência visual, tendo em vista que essa é uma importante iniciativa para proporcionar acessibilidade aos conhecimentos musicais a esse público específico. Houve, no âmbito das transcrições para violão, dificuldades pontuais na conversão das partituras em tinta para o braille, uma vez que as características idiomáticas e idiossincráticas da técnica e escrita violonística comporta diversas abordagens para a realização de tal processo.



Foto 5 - Recital de Conclusão de Curso da estudante cega Daniely



Foto 6 - Recital de Conclusão de Curso da estudante cega Priscilene

O projeto tem se mostrado relevante no âmbito do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPB – *Campus* João Pessoa, uma vez que esta é uma iniciativa pioneira no sentido da inclusão de pessoas com deficiência visual no referido Curso. Através do contato com o Instituto dos Cegos da Paraíba, em versões anteriores deste projeto, o interesse pelo Curso de Música oferecido pelo IFPB tem aumentado por parte das pessoas com deficiência visual, estimulando assim a motivação dos participantes do projeto Musicografia Braille a prosseguir na transcrição e produção desses materiais.

2 CURSO LIVRE DE EXTENSÃO EM INTRODUÇÃO À PEDAGOGIA DO INSTRUMENTO

Italan Carneiro

O Curso Livre de Extensão intitulado “Introdução à Pedagogia do Instrumento”, ofertado no ano de 2019, configurou um dos Projetos associados ao “Programa de Formação Musical Inicial e Continuada do IFPB *Campus* João Pessoa”, submetido e aprovado no Edital nº 02/2019 - PROBEXC PROGRAMA.

O Curso de Introdução à Pedagogia do Instrumento foi ofertado para os discentes do *Campus* João Pessoa, monitores dos parceiros sociais e comunidade em geral. Desenvolvido por servidores voluntários, o curso apresentar estratégias de iniciação à docência para os Extensionistas voltadas à atuação nos espaços de Educação Musical Não-Formal, compostos em sua maioria por Escolas Livres, ONGs, Igrejas e Projetos Sociais. O ingresso no Curso foi regulamentado pelo do Edital 01/2019 DIPPED/JP, no qual foi prevista a oferta de 40 vagas.

Evitando a exclusão de candidatos inscritos foram aprovados para ingresso no Curso os 44 extensionistas que realizaram inscrição. Dos 44 aprovados, cerca de 35 apresentaram disponibilidade para o horário definido para os encontros semanais (quinta-feira, no horário das 13h às 14h40). Destes, 20 extensionistas concluíram as atividades previstas.

2.1 O Técnico em Instrumento Musical e a docência

A atuação do Técnico em Instrumento Musical não está relacionada pelo Catálogo Nacional de Cursos Técnicos à atividade da docência. Segundo o documento, o perfil profissional do Técnico em Instrumento Musical é aquele que desenvolve atividades de performance instrumental, em grupo ou como solista, em concertos, recitais, shows, eventos, programas de rádio e televisão e gravações. Aperfeiçoa as qualidades técnicas de execução e interpretação. Desenvolve leitura à primeira vista. Realiza estudos de improvisação musical como prática de investigação e composição. Desenvolve fundamentos de percepção musical considerando elementos rítmicos, melódicos e harmônicos da música. Complementando o perfil de atuação profissional, o documento sinaliza os seguintes espaços de atuação: Bandas. Orquestras. Conjuntos de música popular. Grupos de câmara. Bandas Militares. Estúdios de gravação. Rádio, televisão e espaços alternativos de interação social, lazer e cultura.

No entanto, diversos autores apontam que a atuação do Técnico como professor de Ins-

trumento Musical é extremamente recorrente, caracterizando inclusive uma das principais atividades remuneradas desenvolvidas pelos Técnicos. Concordando com tal argumento, a partir da convivência com estudantes e músicos profissionais da cidade de João Pessoa, entendemos que existe uma significativa demanda por formação docente demandada pelos músicos que pretendem atuar enquanto professores de instrumentos, que não pode ser confundida com a formação de docentes para atuação na Educação Básica, ofertada pelos Cursos de Licenciatura. Partindo desse cenário, propusemos a realização do Curso Livre de Extensão intitulado “Introdução à Pedagogia do Instrumento”.

2.2 Introdução à Pedagogia do Instrumento

O Curso foi realizado com uma carga horária total de 40 horas/aula, desenvolvida a partir de encontros semanais de 2 horas/aula. A ementa previu abordar os fundamentos do processo de ensino e aprendizagem dos instrumentos musicais no contexto dos espaços não-formais de Educação Musical, refletindo acerca dos diversos aspectos, em suas possibilidades e limitações, que caracterizam a atuação docente do Professor de Instrumento Musical”. Acerca dos objetivos, definimos as seguintes metas a serem atingidas:

- Promover a compreensão sobre as possibilidades e limitações de atuação docente do professor não-licenciado em Instrumento Musical;
- Apresentar o conhecimento acerca dos princípios didáticos e metodológicos do ensino individual e coletivo de instrumento musical;
- Ofertar conhecimentos básicos para elaboração de planos de aula, planos de curso, etc.;
- Desenvolver o potencial reflexivo e compreensivo acerca das possibilidades de avaliação de aprendizagem no contexto musical;
- Proporcionar a vivência com elementos introdutórios da docência das diversas famílias instrumentais.

Ressaltamos a importância de iniciar atividade a partir da discussão acerca da compreensão sobre as possibilidades e limitações de atuação docente do professor não-licenciado em Instrumento Musical. Nesse momento, a partir da distinção entre os contextos de Educação Musical (formal, não-formal e informal), abordamos os possíveis contextos de atuação docente do Técnico em Instrumento Musical. Via de regra, esses espaços de atuação estão inseridos na categoria da Educação Musical Não-Formal, sendo estes caracterizados como “Cursos Livres”, realizados em: aulas particulares, escolas livres, projetos sociais, ONGs, igrejas, etc.

O segundo eixo do conteúdo programático esteve relacionado às “estratégias metodológicas e didáticas”, voltadas à prática docente. Foram abordados os seguintes pontos: Introdução aos métodos ativos; Ensino individual x Ensino coletivo; Processo de musicalização; Adequação das ferramentas de ensino e aprendizagem do instrumento, percepção, escrita e solfejo musical de acordo com o contexto; Análise de métodos (escritos, vídeo-aulas, etc.); Ferramentas tecnológicas (EaD, webconferência, etc.).

Em seguida, no terceiro eixo, trabalhamos os elementos técnico-pedagógicos da aula, abordando os conceitos de “plano de aula” e “plano de curso”. O penúltimo item previsto no conteúdo programático, contemplou a “avaliação da aprendizagem no ensino do instrumento”, a partir dos seguintes tópicos: Auto-avaliação; Avaliação contínua; Avaliação quantitativa e qualitativa; Utilização de ferramentas tecnológicas.

Por fim, o Curso foi concluído reservando os últimos encontros para a realização de “Práticas didáticas específicas dos Instrumentos Musicais”. A conclusão dessa etapa foi desenvolvida com a ministração de aulas pelos extensionistas. O objetivo da estratégia foi simular, no limite do possível, uma aula prática de Instrumento. A realização da aula foi facultativa, tendo sido proposta para toda a turma de Extensionistas. Foram ministradas aulas de Canto e Piano. Para a condição de “alunos”, foram convidados estudantes do Curso Técnico Integrado em Instrumento Musical do Campus João Pessoa oriundos de habilitações instrumentais distintas daquelas das trabalhadas no Curso de Extensão (Canto e Piano).

As aulas ministradas pelos Extensionistas foram realizadas tendo os demais membros da turma como expectadores e duração de 1 hora/aula. Após a finalização das aulas, foram realizados debates sobre as estratégias utilizadas por cada Extensionista, nos quais todos os presentes puderam dialogar, tirando dúvidas, realizando críticas e dando sugestões sobre as aulas realizadas.

2.3 Considerações finais

Entendendo que existe uma lacuna voltada à formação do professor de Instrumento Musical — tendo em vista que a proposta formativa das Licenciaturas via de regra possui objetivos voltados aos processos de musicalização desenvolvidos na Educação Básica que não são desenvolvidos a partir de aulas práticas de Instrumento —, consideramos que a realização do Curso Livre de Extensão intitulado “Introdução à Pedagogia do Instrumento”, caracterizou experiência exitosa de e extrema relevância para os extensionistas interessados na formação do professor de instrumento musical. Ressaltamos ainda que a vinculação da formação do técnico em instrumento musical vem sendo pauta das reuniões da área, suscitando debates e reflexões acerca da importância da presença de tais conhecimentos na Matriz Curricular dos Cursos Técnicos em Instrumento Musical.

3 ABORDAGENS PRÁTICAS E RELATOS DE EXPERIÊNCIAS EXTENSIONISTAS NO ENSINO DE VIOLINO NO IFPB CAMPUS JOÃO PESSOA

Marina Tavares Zenaide Marinho; Juliana Mendonça de Almeida; Erika Alves de Araujo Silva; Ariel Queiroz Almeida; Débora Ferreira Paulino; Leonardo Tavares Pereira Martins; Mateus França dos Santos; Ronald Alexandre Costa

Em seu percurso, o Instituto Federal da Paraíba Campus João Pessoa tem sido referência no ensino na Paraíba, tendo a partir de 2010 uma intensa e efetiva oferta de Cursos de Extensão voltados para ao ensino de instrumentos musicais, dentre eles o violino e a viola de arco.

Ressaltamos que a Extensão faz parte das diretrizes institucionais por ser reconhecida pelas bases educacionais como potencializadora e estimuladora do aprendizado humanizado unindo Academia e sociedade em suas diversas vertentes (social, econômica, política, cultural, etc.). Nesse sentido, o compartilhamento do conhecimento acadêmico com a comunidade busca promover a aproximação com a sociedade num formato dialógico e transformador.

Em relação aos Cursos de Extensão voltados para as atividades musicais, faz-se relevante refletirmos sobre suas abordagens práticas e teóricas, vinculadas às didáticas e procedimentos metodológicos do ensino dos instrumentos musicais. Dentre o público atendido, vê-se constantemente a presença de adolescentes e adultos que, em sua grande maioria, nunca tiveram oportunidade de participar de aulas de música ou aqueles que não conseguiram dar continuidade ao estudo de um instrumento musical, devido aos mais diversos fatores.

3.1 Ensino do violino

No ensino tradicional do violino é possível encontrarmos diversas propostas metodológicas e vários métodos que abordam a questão técnico-interpretativa do instrumento, contribuindo com o desenvolvimento da performance musical. Nas abordagens práticas, temos o estímulo da criatividade, da musicalidade e da consciência corporal apontadas como algumas das perspectivas importantes nessas aulas. Tudo isso sempre buscando a adaptação do ensino ao perfil e às necessidades particulares dos estudantes, possibilitando uma formação musical ampla.

Anualmente o Curso Livre de Extensão em violino do IFPB é bastante procurado pela comunidade externa, comprovando que a Extensão é a porta de entrada de grande parte dos estudantes, que em momentos posteriores, acabam ingressando na Instituição nos Cursos Integrado ou Subsequente em Instrumento Musical.

O conteúdo programático busca contribuir com o desenvolvimento de uma formação consciente acerca do instrumento independentemente de nível ou idade. Dentre alguns aspectos abordados, podemos citar: o conhecimento geral da história do violino, seus antecessores e a família das cordas friccionadas em geral; conhecimento das partes que integram o instrumento e os cuidados necessários; posicionamento correto do violino associado à consciência corporal e seus possíveis movimentos; desenvolvimento auditivo relacionado à afinação do instrumento; iniciação a partir de cordas soltas; estudo de escalas e arpejos; realização de estudos técnicos de mão direita e esquerda como: afinação, mudanças de posição, corda dupla, golpes de arco, pizzicato, articulações, produção sonora, dentre outros; dinâmicas e timbres; expressividade e estudo interpretativo das obras; vibrato; estimulando a participação do estudante em eventos da extensão, do ensino ou da pesquisa que promovam o conhecimento artístico-musical; além de valorização à reflexão do fazer musical e o desenvolvimento das competências e habilidades necessárias para sua formação profissional.

Dentre os métodos tradicionais que tratam especificamente das questões técnicas violinísticas adotados no Curso, podemos citar: Método Suzuki, Método Schmoll, Maia Bang, Método Nicolas Laoureux, Otokar Sevcik, Schradieck, Hans Sitt, Rodolphe Kreutzer, Método Cláudio Cruz, Wohlfahrt, Heinrich Ernst Kayser, Carl Flesch, dentre outros. Quanto às obras e concertos a serem estudados pelos estudantes ao longo do curso, estes são escolhidas geralmente em comum acordo entre docente e discente, respeitando o nível técnico, gosto musical, importância da obra no repertório violinístico e possibilidade de realização de audição pública ou recital como forma de estímulo à performance musical.

O processo de ensino-aprendizagem musical é bastante complexo, pois deve respeitar os aspectos cognitivos, afetivos, físicos e emocionais dos estudantes, no qual o professor torna-se um facilitador do conhecimento. As metodologias adotadas devem contribuir de forma efetiva com o desenvolvimento das qualidades técnicas, interpretativas e artísticas dos discentes que buscam na música uma forma de valorização pessoal, inclusão social e prática profissional. Visando contribuir com o registro da produção extensionista do ensino de violino no IFPB *Campus* João Pessoa e sobretudo preservar pela história e memória cultural da instituição, os autores decidiram compartilhar experiências, como docentes ou discentes, vivenciadas do período em que realizaram atividades no curso livre de extensão em violino.

3.2 Relatos de experiência dos Extensionistas

Destacamos a seguir relatos de experiência que revelam as práticas desenvolvidas ao longo do curso, apontando as contribuições relacionadas à vida acadêmica e profissional de cada um.

“Sou professora de violino e viola do IFPB *Campus* João Pessoa desde 2009 e foi a partir de 2010 que pude desenvolver minhas atividades docentes na extensão da instituição, experiência esta que mudou minha vida profissional. Essa vivência proporcionou-me um imenso enriquecimento humano e artístico-educacional, visto que desde então desenvolvo projetos de extensão voltados ao ensino musical, inclusão, prática orquestral e de música de câmara. Diante dessa experiência fica comprovado para mim, como professora, o quão é essencial que as instituições de ensino brasileiras abram suas portas para a comunidade em geral através da extensão, viabilizando, socializando e democratizando a produção do conhecimento com quaisquer um que deseja se inserir na vida acadêmica, e a partir daí dar prosseguimento à realização de todos os seus sonhos.” (Marina Tavares Zenaide Marinho, professora do IFPB).

“É dinâmico para mim entender as colheitas que um curso de extensão oferece, pois quando criança fui aluna da Extensão do Departamento de Música da UFPB, tendo tido uma experiência fundamental para minha carreira. Nesse sentido, o projeto do IFPB torna-se um espaço confortável de trabalho na minha docência, onde compartilho meu conhecimento com muito entusiasmo! Acredito e afirmo com veemência que as práticas extensionistas transformam vidas e por isso, deve estar – mais do que nunca – à inteira disponibilidade da comunidade!” (Juliana Mendonça de Almeida, professora substituta do IFPB).

“Graças a extensão em violino pude realizar o sonho de estudar esse instrumento, foi de tal importância que modifiquei meus planos profissionais e iniciei o aprendizado formal da música. Além disso, o conhecimento que adquiri na extensão em violino me proporcionou ingressar em outros projetos e atividades de extensão ofertados pelo IFPB e UFPB” (Ariel Queiroz Almeida, aluna do projeto de extensão do IFPB).

“Sou do interior paraibano e lá não oferece oportunidade no ensino técnico em música, então vim à capital e ingressei na Extensão para extrair melhor o conhecimento na área; depois de um ano entrei no Curso Técnico de Instrumento Musical” (Leonardo Tavares Pereira Martins, ex aluno do projeto de extensão do IFPB).

“A Extensão fez parte do meu e do desenvolvimento de centenas de alunos de Institutos e escolas diversas. Nós somos frutos de trabalhos desta natureza. Lembro-me que participei de aulas em minha escola de pintura e musicalização quando mais novo. Essas atividades afloraram em mim o desejo de busca pela Arte e pela música. Essa é a riqueza de projetos com essa perspectiva! Além do apoio intelectual e social, podem vir a interferir diretamente ou indiretamente em um futuro próximo na vida profissional do indivíduo, transformando-o” (Mateus França dos Santos, aluno do projeto de extensão do IFPB).

“A extensão é extremamente importante para os primeiros contatos com o instrumento, com ela você vai conhecendo e aprendendo a base não só do instrumento, mas também uma base teórica, para assim ter condições de entrar em um curso técnico e se especializar melhor” (Débora Ferreira Paulino, aluna do projeto de extensão do IFPB).

“Foi a partir de 2010 no Projeto de Extensão Grupo Suzuki, quando ainda não existia edital de extensão no IFPB, que pude realizar meu sonho de começar a aprender a tocar violino. Desde então, frequento a extensão do IFPB em violino e participo da OCIFPB. Em 2016, entrei no Curso Subsequente em Instrumento Musical, concluindo-o em 2018 e hoje sou professora de violino em uma Escola de Música. Também trabalho como instrutora de música em projetos sociais. Espero continuar participando da extensão do IFPB, mesmo depois de conseguir, um dia, a tão sonhada licenciatura em música, que gostaria, um sonho mais ousado e supremo, que fosse no IFPB” (Erika Alves de Araujo Silva, aluna do projeto de extensão do IFPB).

“O projeto de Extensão em violino do IFPB tem grande importância para a minha formação continuada no campo da música, pois tem me proporcionado, além de um estudo mais focado na prática instrumental, a vivência em conjunto e a troca de experiências entre professor e aluno, possibilitando assim uma reflexão constante sobre o que melhorar em minha capacitação profissional como músico e futuro professor de música. Em outras palavras, as aulas de extensão me permitiram uma ação mais rápida e efetiva de inserção no contexto complexo e dinâmico no mercado de trabalho que exige atualmente uma constante atualização das práticas de ensino”. (Ronald Alexandre Costa, aluno do projeto de extensão do IFPB).

3.2 Considerações finais

Diante do exposto, fica evidente que as abordagens práticas e as metodologias adotadas na extensão do curso livre no ensino de violino no IFPB Campus João Pessoa são de fundamental importância na construção profissional e humana de jovens e adultos, visto que os relatos de experiência compartilhados nesse breve artigo demonstram a relevância e os resultados das ações extensionistas desenvolvidas na instituição.



Foto 7 – Recitais relacionados às atividades Extensionistas

4 A INTENÇÃO NA EXTENSÃO: REFLEXÕES ACERCA DAS AULAS DE VIOLINO E VIOLA DO CURSO DE EXTENSÃO EM INSTRUMENTO MUSICAL DO IFPB – CAMPUS JOÃO PESSOA

Vinicius Ferreira Amaral

O curso de extensão oferecido pela nossa área carrega uma dinâmica muito especial: a cada edital aberto, geralmente com ocorrência anual, centenas de candidatos se inscrevem, confirmando seus interesses em música e no aprendizado de um instrumento musical. O processo seletivo para esse curso é um interessante ponto de análise. Diferentemente das modalidades de ensino técnico regulares, na extensão em música, o próprio docente seleciona seus futuros alunos através de entrevistas organizadas de acordo com o instrumento musical pretendido pelo candidato. Essa liberdade de escolha do professor acaba refletindo no formato de suas aulas de instrumento, bem como em toda a metodologia planejada, como mostrarei mais à frente. Daí o motivo pelo qual citei minha trajetória anterior ao ingresso no Instituto: a autonomia também tende a guiar-nos por caminhos que já conhecemos, adotando métodos que dominamos há mais tempo.

Inicialmente, acreditava que o formato mais indicado para minhas aulas de violino e viola, dentro do nosso curso de extensão, devesse se aproximar das minhas vivências mais marcantes em minha trajetória musical, ou seja, preparando alunos, individualmente, para uma carreira profissional na área de música. Imaginava que fosse, dessa forma, mais conveniente e proveitoso. Não sei se isso decorria de uma tendência natural de se replicar aquilo que deu certo no passado – ao escolher alunos com interesses parecidos com os de minha juventude – ou, simplesmente, de uma dificuldade minha em sair da “zona de conforto”. De qualquer forma, a reflexão sobre o assunto, *per se*, já representava indício da possibilidade de mudanças.

A primeira lista de candidatos para extensão em violino que presenciei, como docente do Instituto, confirmou-me aquilo que meus colegas mais experientes já conheciam: a procura por vagas nesse sempre foi enorme. Alguns afirmam, inclusive, que a extensão costumava ser o “carro-chefe” da área de Instrumento Musical, há alguns anos.

Desde então, a cada ano que lançamos o edital de extensão, vejo a cena se repetir. Dezenas de candidatos, geralmente beirando uma centena, fazem fila durante o dia da seleção, esperando pela oportunidade de ter aulas de violino ou viola. Junto à estimada colega, a professora Marina Marinho, também dos instrumentos violino e viola, o dilema parece resurgir anualmente. Que critérios utilizar? Quem eu devo selecionar para ter aulas comigo? Darei aulas individuais ou coletivas? Devo separar por faixa etária? Aceitarei somente alunos iniciantes, ou também experientes? As questões não cessam em nossas mentes. Soma-se a elas, ademais, a diminuta disponibilidade de horário que a Instituição permite ao docente

contabilizar enquanto colaborador desse projeto. A saber, de duas horas semanais.

De volta ao formato das aulas de instrumento, gostaria de analisar a questão das aulas “individuais versus coletivas”. Em turmas coletivas de instrumento musical há, naturalmente, uma limitação no tempo e na atenção que o professor dedica às questões individuais dos alunos. Nesse modelo, alunos intermediários ou avançados, à procura de aprimoramentos técnicos e artísticos, sentem-se conseqüentemente desestimulados ou prejudicados, pois não lhes sobra suficiente tempo para demonstrar ao professor suas músicas praticadas durante a semana, bem como todo resultado de seus esforços particulares ao instrumento. Por outro lado, aulas individuais demandam muito mais tempo de um professor para atender a um mesmo quantitativo de alunos. Enquanto uma hora de aula pode ser suficiente para, por exemplo, dez alunos iniciantes de uma mesma turma coletiva; no modelo individual, por sua vez, o professor precisaria de cinco horas para poder atender aos mesmos alunos (considerando-se aulas bem concisas, de apenas trinta minutos de duração). Nessa direção, pode-se também constatar que a relação custo-benefício tende a apontar para o formato coletivo de aulas como a melhor solução, especialmente na administração pública. Ainda no âmbito das aulas coletivas, tem-se, porém, algumas vantagens em relação ao formato individual. Para alunos iniciantes de uma mesma turma, a motivação tende a aumentar significativamente com o convívio e a troca de experiências entre eles. Em fases intermediárias, ademais, um certo grau de competição natural pode ser muito bem-vindo entre colegas instrumentistas.

A faixa etária dos candidatos também me chama a atenção. Muito embora a maioria dos candidatos que procuram o curso esteja em idade juvenil, não posso deixar de notar, em menor quantidade, crianças acompanhadas de seus responsáveis, bem como adultos, e até mesmo, idosos. Quando penso exclusivamente na oportunidade de preparar ou qualificar instrumentistas para o mercado, inclino-me a escolher crianças – pois sei que geralmente aprendem ofícios com mais facilidade – ou candidatos com certa experiência na área. Adolescentes iniciantes, por sua vez, quando determinados e bem instruídos, podem notadamente alcançar ótimos resultados. Além disso, é sabido que a música e o aprendizado de um instrumento musical trazem inúmeros benefícios a todos que os experimentam – basta pesquisar sobre musicoterapia, música e neurociência, psicologia da música, entre outros. Sendo assim, são louváveis e perfeitamente compreensíveis os motivos pelos quais pessoas de idades mais avançadas, incluindo profissionais de outras áreas, também busquem esse curso.

Entendo que qualquer aprendizado, para ser efetivo, dependa não somente do momento da aula, mas também (e talvez, principalmente) da dedicação e persistência do aluno em suas horas vagas. Acredito, da mesma forma, que aqueles conhecidos benefícios que o

aprendizado de um instrumento musical possa trazer ao aluno – para além da habilidade e capacidade de dominar o instrumento, e através dele, se expressar artisticamente – dependam, igualmente, da sua prática frequente. Nesse âmbito, o decorrer do curso de extensão costuma apresentar algumas variáveis ao planeamento do professor. Nem sempre os candidatos confirmam, ao longo do ano, a impressão causada no momento da entrevista de seleção. Diria que é uma tarefa quase impossível prever, baseado numa rápida entrevista, quais dos candidatos manterão o foco, e terão persistência e motivação durante o ano para aproveitar de maneira convincente (ao curso, e a si mesmos) as aulas de música e instrumento.

Enfim, admitindo todas essas variáveis mencionadas, e mais aquelas que se quer posso antever, resta-me manter à busca por novas soluções. Recentemente, junto à colega Marina Marinho, tenho idealizado um novo modelo de aulas para o curso. Trata-se do aproveitamento de alunos mais avançados (formandos ou recém-formados dos cursos técnicos), de acordo com suas disponibilidades e interesses, para atuarem como monitores de turmas de extensão. Dessa forma, esses monitores poderiam organizar turmas variadas, auxiliando-os em momentos coletivos ou individuais, sempre sob a supervisão e orientação do professor de instrumento. Acredito que esse formato de aulas poderá aprimorar nosso curso, trazendo algumas das seguintes melhorias: aumento no quantitativo de vagas ofertadas; possibilidade de criação de mais turmas, organizadas por faixa etária e nível de domínio do instrumento; oportunidade de experiência para alunos mais avançados, do curso técnico; alternância entre aulas coletivas e individuais, entre outros. Esse novo modelo, de fato, foi planeado nos primeiros meses deste ano, e deverá entrar em vigor assim que as atividades presenciais voltarem.

Finalmente, concluo que mesmo com uma boa dose de ponderação e critério no planeamento do curso, nem sempre a realidade vem a confirmar tudo aquilo que foi calculado. A cada edital lançado, e após cada ano de curso de extensão, novas questões vêm à tona, deixando continuamente abertas as reflexões sobre a configuração das aulas de instrumento para as próximas edições desse curso. E dessa forma, posso afirmar com segurança que quaisquer novidades no planeamento do curso vêm sempre acompanhadas da esperança e convicção de se estar oferecendo um curso de música cada vez melhor.

5 O CONTRABAIXO ACÚSTICO ENQUANTO POSSIBILIDADE DE DESENVOLVIMENTO SÓCIO-ESTÉTICO-CULTURAL

Danilo Cardoso de Andrade; Marcellus de Alexandria Rique Filho; Rodrigo Belmont

O ensino de música no Brasil tem se popularizado significativamente através de iniciativas extensionistas, como através de outros projetos na área musical em seus mais variados níveis. Nos últimos Encontros da ABEM (Associação Brasileira de Educação Musical), apontou-se para um crescimento de trabalhos relacionados com a formação musical propriamente dita, bem como práticas educativo-musicais em projetos de música. Tal aspecto demonstra o aumento do interesse no desenvolvimento de pesquisas acadêmicas, refletindo acerca da difusão desses projetos na atualidade.

Em 2012, o Instituto Federal da Paraíba, Campus João Pessoa, criou o Curso de Extensão em contrabaixo acústico, vinculado ao Curso Técnico em Instrumento Musical, em cooperação com a Coordenação de Pesquisa e Extensão (então denominada COPEX). O referido curso, idealizado e coordenado pelo professor Danilo Cardoso de Andrade, ofereceu à comunidade acadêmica do IFPB, como também a toda sociedade pessoense, um ensino de música qualificado, possibilitando maior diálogo entre a comunidade e a Instituição, promovendo a capacitação prático-teórico relacionada ao contrabaixo acústico.

O Projeto veio proporcionar, por meio de aulas práticas e teóricas na área de música, o preparo técnico-musical para o campo profissional, além da capacitação para o aluno que almeja fazer o curso superior, como também oportunizar o aluno que procura os estudos musicais com outros fins.

Estudos têm investigado o impacto de projetos de extensão em música na vida das pessoas e refletido em torno das funções da música na sociedade. A extensão potencializa e estimula a aprendizagem, tornando-a mais humana na medida em que estreita os laços da universidade com a realidade econômica, social, política e cultural e quebra a visão dualista da razão instrumental, que foi dominante por longo período nas instituições sociais. Considerando-se a importância da música na formação dos indivíduos, ressaltamos que a música é considerada como elemento enriquecedor para o desenvolvimento humano, proporcionando bem-estar e colaborando para a ampliação de outras áreas necessárias para a formação do indivíduo. Logo, o aprendizado musical serve como estímulo no período de escolarização, ajudando na apropriação da linguagem, concentração e nas variáveis faces do aprendizado. Por outro lado, frise-se, a arte dos sons se apresenta ainda como uma significativa possibilidade de atuação profissional.

Assim, o presente trabalho aqui organizado, tem como objetivo apresentar um panorama geral do que é o projeto, como também os relatos de experiências adquiridas durante curso de Extensão em Música no IFPB.

5.1 Objetivos do Projeto

Como objetivo geral, o buscamos desenvolver as habilidades musicais e interpretativas dos alunos de Contrabaixo, integrando aprendizagem ao mundo do trabalho e às atuais tendências na área da performance musical. Como objetivos específicos almejamos:

- Promover a compreensão de conceitos sobre interpretação musical;
- Possibilitar o desenvolvimento de práticas na área de performance instrumental;
- Estimular a formação de instrumentistas no âmbito do IFPB – *Campus* João Pessoa;
- Proporcionar a conscientização postural bem como de princípios cinesiológicos;
- Aproximar o IFPB e a Comunidade à luz de práticas multiculturais na área de Educação Musical.

5.2 Metodologia

A realização da proposta de trabalho ora apresentada se deu através dos seguintes passos metodológicos:

- Trabalhos de exploração da técnica, leitura do repertório solo, de música de câmara e orquestral, visando os princípios estético-analítico-musicais; - Abordagens pedagógicas e contextualizadas no sentido de identificar as possibilidades técnico-musicais dos alunos e seus referenciais estético-culturais; - Estímulos ao desenvolvimento de representações diversas nos níveis aurais, visuais e cinesiológicos; - Estudo e discussões acerca dos métodos existentes para contrabaixo; - Análise de repertório para contrabaixo; - Desenvolvimento de processos de percepção e identificação dos registros musicais; - Estímulos à utilização do solfejo e ouvido interno como mecanismos de exteriorização da expressividade musical, exploração da criatividade e individualidade musical; - Apreciação crítica de videoaulas e gravações musicais; - Realização de leituras reflexivas de artigos e textos relacionados.

5.3 Resultados

As atividades foram desenvolvidas com 6 alunos do curso de extensão em contrabaixo acústico, sendo dois de iniciantes (sem nenhuma experiência com o contrabaixo acústico), dois alunos que já tinham uma vivência musical autodidata, e dois alunos profissionais no contrabaixo elétrico, que almejavam estender-se para o acústico, efetivando assim as funções de desenvolvimento sócio-estético-cultural. Dentre os alunos, é notável a peculiaridade de cada um deles, mesmo com pouco tempo que atuação do projeto, foi possível identificar nos depoimentos dos alunos que as estratégias didáticas aprimoradas pelo uso de músicas - além dos métodos - e aulas coletivas são muito mais atrativas, constituindo uma atividade prazerosa para cada participante.

Os desafios foram lançados, sendo observados a superação de cada um deles, proporcionando aos participantes do projeto um rendimento musical satisfatório em meio às suas limitações. Vale salientar que, dentre os alunos ingressos no curso do projeto em evidência, dois obtiveram êxito na prova para ingresso no curso superior da UFPB.

Apresentamos a seguir o depoimento de um dos extensionistas vinculado ao Projeto.

Eu já havia tentado estudar música anteriormente em outras instituições, porém não obtive sucesso, pois não me sentia acolhido, como se houvesse algum tipo de barreira. O IFPB, através da extensão, me deu essa oportunidade, e esse foi o grande divisor de águas em minha vida profissional e pessoal.

5.4 Considerações finais

Diante do exposto, pode-se dizer que foi de grande importância o IFPB – *Campus João Pessoa* ter apoiado o projeto supracitado, tendo em vista ter ofertado ao corpo discente, bem como para toda a comunidade, uma importante forma de inclusão social e capacitação. Ação que busca qualificar os alunos na arte dos sons da luz e de um vasto campo de atuação profissional. Se pretende fundamentalmente, desenvolver habilidades musicais e interpretativas dos alunos, através de uma aprendizagem integrada contemplando formação humanística, performance musical e as perspectivas inerentes ao mundo do trabalho.



Foto 8 - Aula do instrumento contrabaixo acústico

6 A EXTENSÃO EM GUITARRA NO IFPB, CAMPUS JOÃO PESSOA, NO PERÍODO DE 2017 A 2019: EXPERIÊNCIAS, PROCESSOS E RESULTADOS

Adriano Caçula Mendes

O Projeto de Extensão em Guitarra Elétrica do IFPB- *Campus* João Pessoa é parte integrante de um amplo projeto de extensão criado a partir da iniciativa do Curso Técnico em Instrumento Musical com o objetivo de expandir e democratizar o acesso da população a espaços formais de ensino musical, integrando a comunidade ao Instituto, promovendo a capacitação desses cidadãos através de uma formação inicial e continuada, a partir do instrumento musical como meio de expressão artística.

Nesse contexto, o referido projeto consistiu um Curso Livre de Extensão voltado ao ensino e aprendizagem da guitarra elétrica, ofertado através de seleção por meio de edital publicado e devidamente registrado por meio da Coordenação de Pesquisa e Extensão do *Campus* e da Coordenação do Curso Técnico em Instrumento Musical. Durante o período de 2017 a 2019, o Curso foi ministrado pelo professor de guitarra que ministra aulas nos cursos regulares de guitarra integrado e subsequente do *Campus* João Pessoa, uma vez que durante esse período não havia alunos nesses cursos que pudessem atuar na equipe do Projeto.

6.1 Escolha do público alvo

A seleção dos cinco alunos contemplados para ingresso em cada edição do Curso se deu por meio de entrevista previamente regulamentada em Edital a partir do seguinte critério de seleção: 1) Compatibilidade de horários entre docente e extensionistas; 2) Nível de conhecimento e experiência prévia apresentado e; 3) Comprometimento ou quanto ao nível de interesse em permanecer até o final do curso e frequentar as aulas assiduamente.

Em relação aos quesitos norteadores do processo seletivo, os itens 1 e 3 possuíam um maior peso, sendo o item 2 aquele que funcionou como um levantamento inicial a fim de conseguir formar a turma da maneira mais homogênea possível, uma vez que seriam desenvolvidas aulas coletivas. Dos três quesitos mencionados, o item 2 relaciona-se mais diretamente com o número geral de inscritos e seu nível de formação. Dessa forma, procurei encontrar um ponto de equilíbrio entre a quantidade de interessados no curso e os pontos de nivelamento que permitiriam a construção da turma idealizada o mais homogênea possível. Em todas as seleções houve mais interessados que vagas disponíveis, elevando, portanto, o nível de corte dos cinco que seriam contemplados.

6.2 O desenho do curso e a metodologia desenvolvida

Como se tratam de cursos de curta duração, desenvolvidos em turmas de perfil eclético, o curso em questão foi desenhado pensando no desenvolvimento sistemático dos seguintes tópicos: leitura de partitura, estudos psicomotores de desenvolvimento técnico, estudos de teoria aplicada, harmonia e improvisação. Todos esses elementos ligados fundamentalmente à formação de repertório.

Os tópicos a serem abordados no curso foram divididos em encontros semanais de 1 hora de duração nos quais foram apresentados aos alunos os aspectos técnicos e teóricos/práticos das músicas trabalhadas. O repertório escolhido foi utilizado como ponto de partida para a construção das reflexões e estratégias de execução/interpretação/improvisação com o intuito de se trabalhar os aspectos musicológicos e técnicos do instrumento. Além do encontro semanal com o professor de guitarra, os extensionistas participavam de aulas teóricas coletivas com os demais estudantes dos outros instrumentos. O repertório escolhido na maioria das vezes foi proposto pelo professor, levando em consideração a fluência técnica do aluno e a relação da música com o assunto que estava sendo tratado. Nesse sentido, buscou-se adaptar repertório ao conteúdo programático. No entanto, esse princípio norteador da metodologia não foi de maneira alguma limitante, o aluno que também pôde sugerir seu próprio repertório.

Levando em consideração a deficiência na leitura para grande parte dos guitarristas, o desenvolvimento da leitura caracterizou o ponto de partida e o elemento de coesão da turma, uma vez que independente dos variados níveis técnicos, a leitura deficiente foi um elemento comum a todos. Nas primeiras aulas utilizei material próprio: uma mini apostila com as notas no pentagrama e onde tocá-las na guitarra ao longo do braço, exercícios e partituras. O objetivo era já no início do curso fazer o aluno ter um mapeamento geral das alturas das notas e onde encontrá-las no braço do instrumento. Um dos maiores problemas para uma boa fluência na leitura da guitarra é justamente o fato de encontrarmos notas da mesma altura em diferentes regiões do braço do instrumento. Uma vez que o aluno lia a escala de dó maior na partitura e a executava em diferentes regiões do braço, por exemplo, ele estava forçando um reconhecimento e uma memorização psicomotora do braço da guitarra. Logo na primeira aula, o aluno já tinha um desafio de leitura: ler melodias simples e bem conhecidas como Can Can, Freire Jack, dentre outras e executá-las no braço da guitarra em todas as posições do braço sem alterar a altura das notas. Esses exercícios tem por objetivo fazer com que o aluno associe as notas em suas respectivas alturas às várias possibilidades de execução que a simetria da construção do instrumento oferece, trazendo, dessa forma mais mobilidade e fluência para o guitarrista quando for construir seus improvisos e mobilidade técnica ao longo do braço.

Por fim, anexo ao material, foi disponibilizada as partituras de All of Me (J. Legend) e

While My Guitar Gently Weeps (Beatles). A turma era dividida em duplas que iriam executar essas partituras dividindo-se em base e solo e cada aluno improvisando sobre esses temas.

6.3 A extensão como porta de acesso ao ensino formal do instrumento

A experiência das aulas de extensão em guitarra tem sido positiva uma vez que, além de ter permitido uma entrada mais simplificada para jovens músicos, muitos deles vindos de municípios como Lucena, Santa Rita, Bayeux além de outras regiões periféricas de João Pessoa, numa instituição pública de ensino, também possibilitou um primeiro contato com uma instituição de ensino formal de música.

O nível de escolaridade dos alunos que passaram pelo curso variou desde ensino básico até o superior completo. As idades variaram dos 18 aos 40 anos, mas o perfil médio que predominou foi o do adulto jovem entre (18 e 30 anos) apenas com ensino básico. Destacamos que nesse público muitos já trabalhavam com música, possuindo, portanto, algum conhecimento prático, no entanto, possuíam pouca qualificação para adentrarem ao curso regular de música no IFPB, ficando muitas vezes de fora do processo seletivo. Dos alunos que finalizaram este curso dois foram aprovados na seleção para o Curso Técnico subsequente do IFPB e puderam prosseguir com a formalização dos seus estudos no instrumento.

A extensão em guitarra tem atendido a essa demanda reprimida de jovens músicos carentes, bem como tem tido importante papel tanto na divulgação quanto na preparação para o ingresso do curso de guitarra do IFPB. Isso pode ser observado a partir da quantidade de candidatos que cresce a cada novo edital lançado tanto para o curso de extensão como também no efetivo aumento no número de candidatos na seleção para o curso de guitarra regular técnico subsequente.

6.4 Perspectivas futuras do curso de extensão em guitarra elétrica

A partir da próxima edição (2021), o Curso de Extensão em guitarra elétrica contará com a participação ativa dos alunos do curso de regular de guitarra com mais experiência no instrumento. A ideia é que o núcleo, além de continuar cumprindo com seus objetivos aqui relatados, sirva também como um laboratório pedagógico para que os alunos do curso de instrumento musical com habilitação em guitarra tenham um contato com a prática pedagógica e simultaneamente desenvolvam suas próprias habilidades ao aprender ensinando. A possibilidade de contar com a colaboração discente poderá permitir uma ampliação no número de vagas disponíveis e conseqüentemente o atendimento aos níveis mais elementares de formação no instrumento.

7 ENSINANDO E APRENDENDO: EXPECTATIVAS E REALIZAÇÕES DENTRO DO CURSO DE EXTENSÃO EM VIOLONCELO NO IFPB – CAMPUS JOÃO PESSOA (2016 A 2019)

Teresa Cristina Rodrigues Silva

A Paraíba, certamente, pode se orgulhar de sua tradição musical como um todo e, mais especificamente, da música de concerto produzida neste Estado. Somente na capital, João Pessoa, a população pode contar com três orquestras profissionais, uma orquestra jovem Estadual, diversas outras orquestras, corais, bandas e grupos musicais em escolas e igrejas, além das escolas de música públicas e particulares e dos projetos sociais do Estado e da prefeitura da cidade.

Apesar das dificuldades enfrentadas pela manutenção destes organismos, eles cumprem com sua função de difundir a cultura musical. Além disso, proporcionam importante campo de trabalho para os músicos, professores e também para os estudantes. Com toda essa movimentação em torno da música, podemos dizer que este é, provavelmente, um dos motivos da grande demanda de alunos nos cursos de extensão em instrumento musical no Instituto Federal da Paraíba.

O curso de Instrumento Musical do Campus João Pessoa passou a oferecer o curso de extensão em Violoncelo a partir de 2016. Desde então, tem recebido uma demanda consideravelmente grande de inscritos para este curso. Trata-se de um curso prático, com aulas em grupo e, eventualmente, individuais também.

Assim como todo aprendizado de instrumento, os alunos recebem a orientação nas aulas e devem praticar individualmente no decorrer da semana. Isto significa que, parte do aprendizado é feito na aula e, outra parte, no decorrer da prática individual. Este dado é bastante relevante porque, muito além das habilidades em relação ao instrumento, o aluno precisa ter ou desenvolver um certo grau de maturidade pois o avanço só é possível com autonomia, perseverança e disciplina. Obviamente há, por parte do professor, uma expectativa de que todos os alunos se envolvam e aproveitem as aulas de maneira integral, mas, ao mesmo tempo, sabe-se que é parte do ensino, estimular e orientar para que este desenvolvimento pessoal aconteça paralelamente.

O perfil dos alunos tem se mostrado bastante diversificado em relação à idade, ao nível de escolaridade e acima de tudo em relação às expectativas sobre o curso. Entre os anos de 2016 e 2019, a faixa etária variou entre 14 e 30 anos. Em relação às expectativas, foi observado que, alguns alunos se destacaram mais pelo seu envolvimento com o curso e possuíam perspectivas para o futuro como músicos profissionais. Estes vinham para as aulas bem preparados, estudavam com dedicação e possuíam como objetivo o ingresso na Universidade assim como a profissionalização como violoncelista. Outros ainda, já formados no curso superior da Universidade e com atuação no meio musical, procuraram o curso para fins de aperfeiçoamento e também de preparação para ingresso na pós-graduação.

Por outro lado, alguns estudantes apresentaram baixa frequência nas aulas. As causas apontadas por eles para o pouco envolvimento, em geral, foram: o pouco tempo para se dedicar ao estudo ocasionado pela falta do instrumento. Estes alunos tinham que ir até o Instituto para poder praticar no instrumento da Instituição. Outros relataram um desconhecimento da dinâmica do aprendizado e tinham baixas expectativas em relação ao seu próprio desenvolvimento. Estes imaginavam um curso menos prático e, conseqüentemente, tinham uma atitude mais passiva nas aulas.

Desta maneira, concluiu-se que, não havia um perfil claramente definido de alunos o que é muito comum em cursos desta natureza. A Profa. Dra. Phyllis Young², em seu livro *Playing the String Game*, chama a atenção para o fato que o ensino dos instrumentos de cordas é difícil mesmo em condições ideais porque estamos lidando com seres humanos.

7.1 Atividades desenvolvidas

Diante dessa diversidade de expectativas, foi necessário um planejamento criativo capaz de estimular e cativar os alunos menos engajados e ao mesmo tempo atender às demandas dos alunos mais envolvidos com o curso. Desde então, dinamismo e interação têm sido os dois elementos norteadores para o plano de aulas da extensão. Os alunos são reunidos em grupos de acordo com o nível de aprendizado prévio. As aulas são semanais e, a cada cinco ou seis aulas, acontece uma aula “Especial” em grupo com todos os alunos, incluindo os alunos de Violoncelo dos cursos Integrado e Subsequente. Destaca-se aqui a importância dessa interação entre os alunos.

Nas aulas especiais, as atividades são desenvolvidas com uma dinâmica diferente das aulas semanais. São feitos exercícios de observação nos quais eles devem ouvir e ajudar um colega – isto é, fazem o papel de instrutores. Este exercício é notadamente efetivo pois, corrigindo um colega, conseguem se corrigir; além disso, criam vínculos de confiança e empatia entre si. Além das instruções práticas do instrumento, são abordados outros temas, destacando-se: como organizar o tempo de estudo, como estudar, consciência corporal, audições de gravações de grandes violoncelistas do passado.

² Nascida em 1925 (em Milan-Kansas), faleceu em novembro de 2017 aos 92 anos de idade. Foi diretora da Associação Americana de Professores de Cordas. É reconhecida e aclamada internacionalmente como uma das mais importantes pedagogas do Violoncelo no século XX. Ministrou workshops e masterclasses em todos os Estados Unidos e em 31 países de 6 continentes. No decorrer de sua vida, encontrou pessoalmente e ouviu as ideias de centenas de importantes professores de cordas, entre os quais Paul Rolland, Samuel Appelbaum e Schiniki Suzuki. Foi diretora do Projeto de Cordas da Universidade do Texas por 35 anos - programa de treinamento de professores que serviu de modelo nos Estados Unidos e diversos países da América latina, Europa e Ásia. Ganhou o título de Grande Dame du Violoncelle e Paul Rolland Lifetime Achievement Award.



Foto 9 – Extensionistas e estudantes regulares de violoncelo do *Campus João Pessoa*

Nestas aulas, são realizados diferentes exercícios de alongamento sugeridos no livro de Bob Anderson, intitulado “Alongue-se” (1983), com a importante finalidade de trabalhar a musculatura necessária para manter a boa postura antes, durante e após a prática ao instrumento. O Prof. Robert John Suetholz, da Universidade de São Paulo, destaca em seu livro, *Técnicas de reeducação postural e a prática do Violoncelo* (2015), para auxiliar no combate às posturas viciosas e promover o conforto físico.

Frequentemente são feitas aulas especiais com violoncelistas profissionais convidados. Nestas ocasiões, o fator do inesperado e do desconhecido trazem um estímulo benéfico aos alunos. Um convidado externo para ouvi-los tocar e ajudá-los com suas dificuldades é sempre muito instigante. Os alunos se preparam com mais diligência e as aulas têm sempre grande engajamento. Entre os anos de 2016 e 2019 recebemos como convidados os violoncelistas: Prof. Dr. Felipe Avelar de Aquino (professor de Violoncelo no Departamento de Música da UFPB), Profa. Ms. Luz Yanaina Campos (Integrante da Orquestra Sinfônica Municipal de João Pessoa e professora no projeto Social Ação pela Música), Profa. Ms. Amanda Massa, Prof. Ms. Caio Diniz.

No entanto, dentre todas essas atividades, a mais esperada é a audição de final de ano. Nesta ocasião, que também é realizada em conjunto com os alunos dos cursos Integrado e Subsequente, os alunos experimentam a agradável sensação de mostrar seu trabalho final, tocando ao menos uma peça em público, seja ela solo ou com o acompanhamento de outro violoncelista ou pianista.



Foto 10 - Aula com convidado externo



Foto 11 - Aula com convidado externo

As audições finais, frequentemente são assistidas por colegas e familiares, constituindo um momento de realização ao mesmo tempo de estímulo para prosseguimento nos estudos.

7.2 Considerações finais

O curso tem como objetivo principal o aprendizado do violoncelo, mas, acima de tudo, busca um equilíbrio entre o prazer de tocar e o enfrentamento das dificuldades que o instrumento apresenta. Como já dito acima, incluem-se entre as dificuldades, a conquista da autonomia, da perseverança e da disciplina para o sucesso do aprendizado. As diferentes expectativas deixam de ser um problema quando o essencial, que é fazer música, é realizado.

8 “FOI CANTO PRÁ TODO CANTO...” UMA VIVÊNCIA CÓRPORO-MUSICAL COM O CORO LUZIA SIMÕES BARTOLINI IFPB – *CAMPUS* JOÃO PESSOA³

Radamir Lira de Sousa

8.1 Para além da música...

A velocidade com que as transformações nos campos do conhecimento se dá, desenha, no mundo contemporâneo, um cadinho arquetípico de processos pedagógicos ligados ao ensino da Música, e seus desdobramentos sobre suas subáreas. É truísmo, também, que as crises institucionais que os signos coetâneos provêm ao espaço da Filosofia e da Educação, como marcos referenciais ao conjunto de abordagens formativas, e a fragmentação da cena epistemológica inundam o panorama de encultramento com novas metodologias, ao refletirem a inconformidade canônica, amoldando a lugares de fala e a fronteiras de discursos, novas formas de construção do conhecimento, neste caso, aquele ligado à Música.

A aprendizagem musical exige, portanto, como toda forma de aquisição de saberes, a construção de relações disciplinares que ajudam na expansão de uma gama diversificada de habilidades, metacognitivas, socioculturais, motoras, entre tantas. Nesse panorama, sobrevém o Programa de Extensão “Formação Musical Inicial e Continuada do IFPB/JP”, desenhado a partir do *Campus* João Pessoa do IFPB, cujo foco principal é oportunizar processos de musicalização e iniciação na prática instrumental, numa diversidade etária que vai desde a infância a jovens que compõem o contingente das redes pública e privada de educação.

8.2 O canto-coral, a Rede Federal e o IFPB

Historicamente, no Brasil, os primeiros registros do ponto de contato entre o ensino da Música e a educação se dão ainda no séc. XVII com o desenvolvimento vocal e instrumental das comunidades indígenas que tiveram contato com o europeu que arribava às costas brasileiras. No decorrer do tempo, outras ações foram se desenvolvendo na tentativa de se institucionalizar as atividades em educação musical, sem muita representatividade, até meados do século XIX, quando há a aproximação efetiva do ensino de noções musicais e canto-coral nas escolas primárias da época.

³ Este trabalho reflete a continuidade das ações propostas pelo professor Mauricio Mattos Gurgel, no *Campus* João Pessoa, que, de maneira amorosa e acolhedora, fomentou o desejo da Música, na alma e no coração. Por você maestro, mestre e amigo, segue este escrivinhado!

É discurso recorrente reconhecer Villa-Lobos como o pioneirismo no movimento do canto orfeônico e sua relação com a educação brasileira. No entanto, ainda na primeira década do séc. XX, há relatos de intervenções formativo-musicais usando o canto coral como substrato para o trabalho. O papel preponderante de Villa-Lobos surge a partir dos anos 1930, quando aprouveira a sua relação com o Governo Federal e fundamenta as diretrizes do Canto Orfeônico na escola, preocupando com a formação docente e a estruturação de material didático, cujos reflexos na Paraíba são percebidos por Gazzzi de Sá, que desde então, desenvolve intenso trabalho com educação musical e canto orfeônico.

Ao longo desses quase cinco séculos de tentativas frustradas ao reconhecimento do papel necessário para a Educação que a Música delinea, o canto coral – e seus arranjos – foi uma importante ferramenta para a consecução das atividades.

Ao dar base para a Rede Federal de Educação, as Escolas Técnicas, Centros de Educação Tecnológica, Escolas Agrícolas, trouxe consigo atividades que vieram se construindo há pelo menos 40 anos, como é o caso do “Coro Luzia Simões Bartolini”, coral fundado pelo então professor de música e maestro, Maurício Mattos Gurgel (*in memoriam*), na Escola Técnica Federal da Paraíba – hoje, *Campus* João Pessoa do IFPB –, na porção final da década de 1960, e, formado por alunos, egressos e funcionários daquela escola. Sua preocupação estava centrada em produzir um trabalho de qualidade estética aceitável, mas que, ao mesmo tempo, constituísse-se como um espaço humanizante para os coralistas, sendo celeiro de futuros músicos e maestros que se desenvolveram com o amparo, sempre presente, do professor Maurício. É importante relatar que após o afastamento por aposentadoria do professor Maurício, o coro passou a ser regido pelas professora Marinalva Ferreira.

8.3 Do canto coral no programa de extensão

Ao se desenhar o Programa de Extensão em Música, privilegiou-se o corpo multidisciplinar pertencente ao Curso Técnico em Instrumento Musical e à Coordenação de Artes, todos alocados no *Campus* João Pessoa do IFPB.

As ações com canto coral se deram a partir do mês de setembro de 2019. Inicialmente foram ofertadas 48 vagas, mas a procura extrapolou em muito esse número, perfazendo um total de 75 inscritos, que se juntaram aos 32 pertencentes ao Coro Luzia Simões Bartolini, totalizando 107 integrantes. Desse montante, apenas 63 permaneceram até o final do projeto.

Esse público se constituiu quase que exclusivamente por alunos dos cursos técnicos e superiores ofertados no *Campus* João Pessoa. Houve, também, grande procura por técnicos administrativos, assistentes e terceirizados que, de igual modo, trabalham naquele campus. A faixa etária desse grupo orbitou entre os 15 – 62 anos, desafiando a formação vocal e a interação do grupo à uma construção espacial, onde identidades passaram a con-

viver e se reconhecer coletivamente, apesar do lapso etário.

Os encontros formativos aconteceram dois dias na semana, com duração de 120 minutos, distribuídos, metodologicamente em: preparação corporal e vocal, prática introdutória à leitura musical, construção de repertório, execução e desaquecimento vocal e corporal. Todas as etapas do trabalho foram baseadas no desenvolvimento do “foco mental elevado”, isto é, procurando a partir do relaxamento corporal a construção de um espaço de quietude com o grupo, para que, a partir do silêncio, iniciasse-se a fase seguinte.

Os exercícios vocais privilegiaram os participantes que estavam em mudança vocal e aqueles que já possuíam idade avançada, procurando não explorar os extremos vocais, mas deixá-los confortáveis para a construção da consciência vocal aplicada ao canto coral. As construções melódicas dos vocalizes obedeceram ao desenho de segundas, terças e quartas ascendentes e descendentes, utilizando vogal anterior fechada não arredondada, o i, e vogais posteriores aberta e semifechada, a e o. O trabalho vocal se concentrou na descoberta da sonoridade individual e grupal, procurando apoiar nos membros participantes mais experientes, a apropriação da sonoridade e aproximação vocal.

A construção repertorial se deu a partir de peças a em uníssono e a duas vozes, ampliando-se o repertório e crescendo-se mais linhas vocais, na medida em que a experiência foi se estabelecendo e a confiança grupal se firmou.

8.4 Resultados

A despeito do esvaziamento natural que os trabalhos com canto coral geram, por serem autorregulados, o grupo permaneceu coeso e o resultado das ações foram sempre crescentes em grau de expectativa grupal, apresentando alto nível de satisfação. A sensibilização musical proporcionada pelo contato com o grupo marcou os participantes e não era incomum ver um ou outro integrante do programa cantarolando excertos melódicos das peças ensaiadas ou algum ou outro vocalize, pelos corredores do *Campus* João Pessoa.

Os resultados com a afinação e com a emissão sonora grupal foram positivos, mesmo apresentando alguma inconstância perceptiva, e a construção do corpo do cantor foi efetiva. Observou-se, por isso, a construção do gesto vocal de forma automática, na medida em que o grupo foi se acostumando com o repertório gestual do maestro dirigente.

Se a última década produziu um número considerável de estudos sobre o impacto psicológicos do canto coral, esse mesmo recorte também externa como o canto coral ajuda na construção das identidades, nas reflexões dos lugares de fala, no reforço dos laços afetivos, entre outros, inscrevendo no repertório vivencial do participante, memórias afetivas duradouras, sobre momentos leves e descontraídos, onde a música embalou sonhos e despertou olhares.

9 GRUPO DE SAX E GRUPO MP5: TEORIA E PRÁTICAS MUSICAIS NO IFPB - *CAMPUS* JOÃO PESSOA

Draylton Siqueira Silva

O Grupo de Sax do IFPB (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba) surgiu em setembro de 2007, a partir das aulas de artes ministradas pelo professor Draylton Siqueira Silva, numa turma do Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Eletrotécnica do 1º ano. Os componentes destes grupos são alunos do Curso Técnico Integrado e Subsequente em Instrumento Musical, alunos de outros cursos do IFPB bem como alunos da própria comunidade. O repertório é bem eclético tendo como base músicas populares brasileiras como *Garota de Ipanema* de Tom Jobim, e regionais nordestinas como Tareco e Mariola (Flávio José) e Asa Branca (Luiz Gonzaga e Zé Dantas), bem como internacionais entre elas *Happy* (Pharrell Williams), e *Medley Internacional de Michael Jackson*). O grupo mp5 é oriundo do grupo de sax do IFPB e surgiu da necessidade dos alunos em trabalhar com música vocal também, ou seja, grupo misto.

O grupo de sax do IFPB e o grupo mp5 estão ligados diretamente a projetos de extensão como “Musicalizando por meio da apreciação musical” (2017), “Música e Sociedade” (2018), entre outros, onde são realizadas apresentações didático-musicais, trabalhando a música por meio da apreciação musical. Com isso, proporcionamos ao público em geral das escolas municipais e estaduais de João Pessoa, a possibilidade de conhecer informações acerca da importância da música instrumental, os compositores das músicas executadas, o saxofone e seus tipos bem como sobre o IFPB e os cursos de música oferecidos pela instituição.

Como na maioria das áreas de conhecimento, quando estudamos algo, com base em métodos e teorias, basicamente fazemos uma série de exercícios para fixar nosso conhecimento e de fato aprendermos aquilo que estudamos. Mas também, além de obtermos este conhecimento, é necessário também que coloquemos este conhecimento em prática e que experimentemos a execução prática daquilo que aprendemos. Desta forma o ciclo irá se completar quando, ao aliar a teoria com a prática, experimentando isso muitas vezes, podemos então compartilhar deste conhecimento com os outros. Portanto, se torna evidente a importância da prática de conjunto instrumental no âmbito do ensino musical.

9.1 Metodologia

As atividades de prática de conjunto são realizadas procurando trabalhar o desenvolvimento e aperfeiçoamento dos conhecimentos teóricos e práticos dos alunos dos cursos técnicos integrado, subsequente e extensão do *Campus* João Pessoa do IFPB, aliados à prática em grupo por meio do Grupo de Sax do IFPB e do Grupo mp5, tanto em ensaios semanais conforme figura abaixo do arquivo pessoal do professor Draylton Siqueira Silva, como em apresentações.



Foto 12 - Ensaio do Grupo de Sax

A participação do grupo de sax e o grupo mp5 em projetos de extensão, leva os alunos a realização de várias apresentações musicais tanto em escolas públicas de João Pessoa, quanto em eventos locais, regionais e nacionais conforme figura do arquivo pessoal do professor Draylton Siqueira Silva.



Foto 13 - Apresentação do Grupo de Sax no XII Connepi

9.2 Conclusões

Tanto no grupo de sax do IFPB como no Grupo MP5, o desenvolvimento artístico-musical a partir a prática de conjunto instrumental é uma realidade vivenciada pelos alunos que participam desses grupos. Podemos verificar isso nas seguintes falas: *“O grupo de sax do IFPB foi uma experiência única que eu pude ter a oportunidade de participar, onde lá eu consegui ter várias experiências como a prática de conjunto, aprimoramento tanto técnico como pessoal e a união entre os que faziam parte do mesmo, o grupo de sax me proporcionou coisas inimagináveis como por exemplo, levar a música para as pessoas mais carentes, e ver a alegria no rosto dessas pessoas não tem preço, além de mostrar nosso trabalho a equipe aprende com cada apresentação, como ser uma pessoa melhor, então o grupo de sax fez e faz parte da minha história como aluno e musicista”* (José Mathias Barbosa da Silva, Técnico em Instrumento Musical e componente do grupo de sax) e ainda *“A minha iniciação no grupo de sax do IFPB foi através da disciplina prática de conjunto no primeiro ano do curso de instrumento musical e desde então, permaneci no grupo até o ano de conclusão. A participação no projeto foi de extrema importância para minha formação pessoal e técnica, pude participar de diversas viagens, apresentações e eventos”* (Marcos Venicyos de Almeida, Técnico em instrumento Musical pelo IFPB e atualmente aluno do Curso de Zootecnia da UFPB). O trabalho do grupo de sax do IFPB é realizado dentro de uma base musical notoriamente de músicas brasileiras e regionais.

Podemos destacar aqui também a importância da socialização do conhecimento bem como a divulgação e propaganda dos cursos técnicos em música oferecidos pelo IFPB que é realizada por meio das apresentações do grupo de sax do IFPB e do grupo mp5.

10 CAMERATA DE VIOLÕES E CORDAS PINÇADAS DO IFPB: DADOS, ESTRATÉGIAS E DESAFIOS

Vinícius de Lucena

Iniciado em 2012 com o título “Camerata de Violões”, o projeto surge como a materialização de uma das diversas propostas pedagógico-musicais do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPB - *Campus* João Pessoa, diretamente vinculada às Práticas de Extensão. Coordenado pelos professores da área de violão da Instituição⁴, objetivou, inicialmente, ampliar as práticas musicais coletivas e as possibilidades formativas na área de extensão deste Curso, oferecendo-se, além das atividades coletivas com violão, atividades pedagógicas nas áreas de bandolim, cavaquinho e violão de sete cordas, passando a se chamar, então, de Camerata de Violões e Cordas Pinçadas do Instituto Federal da Paraíba (CVCP-IFPB). Além dos instrumentos anteriormente mencionados, a CVCP-IFPB é composta, ainda, por Bandolas, Baixolão e Violas de 10 cordas.



Foto 14 - Apresentação da Camerata de Violões e Cordas Pinçadas do IFPB

⁴ Integram a área de violão os professores Cristóvam Augusto e Vinícius de Lucena. Além do ensino do violão, são ministrados cursos de bandolim, cavaquinho e violão de sete cordas.

Além de possibilitar a interlocução entre o ensino e a pesquisa, o projeto se configura como um espaço mediador entre o mundo social e o das ciências num convívio dialógico de alteridade. Constitui-se, portanto, como um âmbito de interação do social e do institucional em diferentes dimensões de difusão do conhecimento fruto de reflexões acerca dos mais variados temas, e do direcionamento dos investimentos acadêmicos para o preenchimento de possíveis lacunas entre o conhecimento científico e o popular. Neste sentido, a CVCP-IFPB possibilita a apropriação e produção de conhecimento e o estabelecimento de elos com a realidade comunitária a partir da identificação de suas reais necessidades, construindo e re-significando a atuação acadêmica e estimulando sua democratização. Apesar do Marco Legal Afirmativo⁵, a implementação de ações e programas de democratização do acesso aos bens culturais fomentados em espaços formais, ainda caminha a passos lentos.

Sob a ótica institucional, as atividades promovidas pela CVCP-IFPB estão ancoradas nas diretrizes preconizadas nos documentos vigentes. O Instituto Federal da Paraíba, com mais de um século de existência, apresenta um histórico de vínculo sócio-político-educacional com os paraibanos. Tais ações refletem no reconhecimento social de sua atuação no ensino profissionalizante. Além das atividades ligadas ao ensino e pesquisa, o IFPB busca, em suas Diretrizes Gestoras e Documentos Oficiais fomentar, incentivar e consolidar as práxis de extensão, como exposto no Plano de Desenvolvimento Institucional (2015-2019).

10.1 Objetivos do projeto

A aprendizagem musical por meio da prática musical em conjunto é o principal objeto do projeto, destacando-se ainda: 1) A expansão e a democratização do acesso da população a espaços formais de ensino musical; 2) Integrar a comunidade circunvizinha ao Instituto; 3) Promover a capacitação de cidadãos através de uma formação inicial e continuada na área de música; 4) Utilizar o instrumento musical como meio expressivo; 5) Contribuir para a troca de saberes, conhecimentos e experiências mediados pelas tecnologias da música; 6) Integrar o ensino e a pesquisa em música com as demandas da sociedade, em seus interesses e necessidades; 7) Inter-relacionar o saber acadêmico e o saber popular; 8) Publicar os saberes constituídos e as experiências vivenciadas; 9) Fomentar a produção da área de música no IFPB e possibilitar o desenvolvimento de novas práxis; 10) Vivenciar atividades coletivas pautadas na empatia, na cooperação mútua e na alteridade; 11) Produzir arranjos e adaptações para a conformação instrumental da CVCP-IFPB.

⁵ “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes de cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais” (Art. 215 da Constituição Federal Brasileira, 1988).

10.2 Estratégias de trabalho

Perante um público ávido por conhecimento e com consideráveis limitações humanas e estruturais, o projeto prioriza as atividades coletivas, tanto no âmbito prático quanto no pedagógico, consideradas pelos estudiosos da área musical como uma importante ferramenta para o processo de socialização do ensino musical, e de democratização do acesso dos cidadãos ao ensino formal de música. Com um perfil de aprendizes e praticantes heterogêneo, cabe-nos, além de implementar os objetivos do projeto, mediar a troca de saberes entre estudantes sem contato prévio com a atividade musical e profissionais autônomos que visualizaram na instituição uma possibilidade formativa complementar. As atividades musicais práticas e pedagógicas da CVCP-IFPB são divididas em dois momentos semanais de 50min cada, sendo um dedicado ao aperfeiçoamento instrumental e outro dedicado às práticas coletivas. Diante de tal contexto e buscando uma integração salutar entre nossa proposta curricular, os saberes acadêmicos e tecnológicos e os saberes comunitários, traçamos caminhos, objetivos e estratégias permeadas pela interação dialógica e pautados na alteridade.

Com a abordagem inicial definida, pudemos, coletivamente, construir objetivos que foram denominadas de “competências”. Nestes objetivos perpassam a percepção sonora, a decodificação de signos próprios da notação musical, a emissão de várias matizes sonoras, aspectos sócio-político-educacionais, bem como as características técnicas manuais de cada instrumento. A cada encontro as competências são aludidas pela mediação na troca de saberes e pelos conceitos e técnicas instrumentais específicas de cada instrumento.

Mediante a vasta gama de gêneros e estilos típicos de cada instrumento trabalhado, opta-se pela estratégia de composição de arranjos específicos como ferramenta pedagógica para o domínio prático de cada instrumento e dos conceitos e competências abordadas nos encontros. Ao longo dos anos deste projeto foi possível construirmos mais de cinquenta arranjos que respeitaram os estágios de aprendizagem dos participantes, além de promover a integração efetiva e prática entre os musicalmente experientes e os iniciantes.

Os processos avaliativos de aquisição das competências propostas são mediados coletivamente, onde cada participante avaliava, criticamente, o desempenho dos colegas e por meio da reflexão crítica após as apresentações públicas do repertório. Em nossa experiência, tal estratégia permite o desenvolvimento da autocrítica com relação às competências assimiladas e ao auto-reconhecimento dos estágios de aprendizagem instrumental.

10.3 Breve histórico das atividades realizadas

Na perspectiva artística, perpassam no histórico da CVCP-IFPB apresentações dentro e

fora do Estado da Paraíba, com destaque para os eventos institucionais de abrangência nacional e internacional e atividades solidárias. Já na perspectiva pedagógica, além das propostas nas estratégias de trabalho, destacam-se atividades mediadas pelas Tecnologias Digitais de Comunicação (TDC'S), até masterclasses com experientes profissionais das áreas instrumentais correlatas, sempre buscando a interação entre as diversas manifestações musicais mundiais, a Educação e o conhecimento científico e tecnológico.

10.4 Desafios

Ao trabalharmos perspectivando a música como objeto de reflexão em conexão com o mundo, construímos, coletivamente, ações educacionais permeadas por questões relacionadas à cidadania e ao contexto dos seus participantes. O conhecimento empírico decorrente de anos de atividade proporcionou a construção coletiva de objetivos nos quais são abordadas competências intrínsecas à atividade instrumental, ampliação do referencial musical dos estudantes (a partir de gêneros e estilos de variados contextos sociais), desenvolvimento da percepção musical (através de métodos ativos de musicalização) e a re-significação de conceitos sócio-político-culturais (através do auto-reconhecimento como agente transformador da realidade). Com a solidificação das bases pedagógicas e administrativas do Curso Técnico em Instrumento Musical do *Campus* João Pessoa, o projeto nutre o anseio de proporcionarmos à comunidade atividades extensionistas educacionalmente consistentes como produto de empenho coletivo. Porém, para a continuidade salutar das atividades extensionistas ofertadas, faz-se necessário alguns questionamentos ora pertinentes: quais princípios e estratégias norteiam a construção de um projeto extensionista de grande mobilização comunitária? Como o Projeto poderia, além de proporcionar uma formação inicial e continuada, fomentar a construção de platéias? Como instigar pessoas, direta ou indiretamente ligadas ao projeto, a conhecerem a diversidade cultural-musical brasileira e mundial? Quais iniciativas e concepções poderiam ampliar o ingresso, a permanência, a diminuição da evasão escolar e melhoria dos índices educacionais no marco e no micro espaço geográfico? São algumas reflexões a serem pautadas nos anos vindouros deste projeto.

11 A MÚSICA E A CONSCIÊNCIA AMBIENTAL TORNANDO A ESCOLA UM LUGAR MAIS ALEGRE E RECEPTIVO

Ana Maria Barbosa; Daniel Luna de Menezes

Este texto aborda projeto de extensão vinculado ao Instituto Federal da Paraíba realizado em parceria com a Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Afonso Pereira da Silva. O projeto foi coordenado pelo Prof. Daniel Luna de Menezes e contou com a participação voluntária das discentes Ana Maria Barbosa Neves, Fernanda Raquel da Costa Agra Amaral, Nathália Flores Lima e Renata Ribeiro Cipriano dos Santos.

11.1 Contexto e público alvo

A Escola Professor Afonso Pereira da Silva fica localizada no bairro de Mangabeira VIII, Zona Sul de João Pessoa, próximo às comunidades do Aratu e do Iraque. A escola acolhe a maioria dos jovens que residem nessas comunidades e se encontram em situação de vulnerabilidade social. Afetados por seu contexto social, muitas vezes esses alunos não possuem recursos nem motivação para participar de eventos e atividades extracurriculares.

Diante do contexto identificado, foi definido que o público alvo seriam os alunos de 9 a 12 anos de duas turmas de 5º ano. O fato de os alunos cursarem o Ensino Fundamental I proporcionaria vantagens logísticas para o desenvolvimento do projeto, pelo fato de apenas um professor lecionar todas as disciplinas para a turma durante todo o ano letivo, o que facilitaria a flexibilização das aulas. A decisão de concentrar as atividades do projeto no último ano do Ensino Fundamental I considerou ainda que, por serem mais velhos que os alunos das demais turmas, a probabilidade de estes alunos já terem tido algum contato com as temáticas relacionadas com o meio ambiente seria maior, além de terem uma vivência maior com a música em seus respectivos contextos. Essa experiência prévia serviria de base para o direcionamento das atividades, visto que uma das propostas do projeto foi a contextualização dos conteúdos apresentados nas oficinas, relacionando-os com a realidade de cada aluno.

As ações foram agrupadas em quatro etapas e desenvolvidas uma vez por semana em cada turma, com encontros de em média duas horas ao longo de quatro meses. A equipe responsável pela execução das ações era formada pelas quatro discentes vinculadas ao projeto, das quais três foram estudantes da escola onde o projeto foi realizado, o que facilitou a integração e possibilitou uma compreensão prévia do contexto.

A primeira etapa teve como objetivo a coleta de informações a respeito dos hábitos, experiência e conhecimento prévio dos alunos. Além da observação dos hábitos dos alunos no ambiente de sala de aula, foi feita uma consulta sobre os hábitos fora do ambiente escolar em relação à música e ao meio ambiente. As perguntas realizadas abordaram questões

como a separação dos resíduos sólidos gerados pelas suas famílias, as preferências musicais e sua experiência prévia com música (estudo ou contato com algum instrumento, oportunidade de assistir apresentações ao vivo, hábito de ouvir música, tocar ou cantar, etc.). A partir dessa etapa pudemos traçar um perfil dos alunos com base em suas experiências e contextos para nortear metodologicamente as ações a serem realizadas.

11.2 Oficinas de musicalização e construção de instrumentos

A partir da segunda etapa passamos a abordar o conteúdo musical propriamente dito. Iniciamos com o estudo do ritmo, ao longo dessa etapa que durou quatro semanas. Utilizando o método de Ettore Pozzoli (1921) foram apresentadas as figuras rítmicas utilizadas para notação musical. Em seguida foram formadas células rítmicas com base nas preferências musicais citadas por esses na etapa anterior, e por fim foram reproduzidas utilizando o corpo. Nessa etapa também foi apresentada uma introdução sobre a importância das atitudes conscientes para a preservação do meio ambiente, além de contações de histórias para que os alunos identificassem ações de personagens prejudiciais ao meio ambiente.

A terceira etapa teve enfoque no estímulo da criatividade. Os alunos foram orientados a guardar garrafas pet, papelão, tampas de garrafa, entre outros materiais oriundos de itens de consumo utilizados em seu cotidiano, para posteriormente serem utilizados na construção de instrumentos musicais. Já com os materiais selecionados, os alunos construíram castanholas com tampas de garrafa e papelão, chocalhos de diferentes tamanhos com garrafas pets, e ainda pequenos tambores com fundo de garrafas. O objetivo dessas oficinas foi mostrar aos alunos a importância da coleta seletiva, da reciclagem e de um estilo de vida sustentável para a preservação do meio ambiente, além de estimular a criatividade artística ao proporcionar uma experiência prática de artesanato com materiais recicláveis do dia-a-dia geralmente descartados com o lixo comum.

Após a produção dos instrumentos se deu início à última etapa. Neste momento pudemos relacionar o conteúdo ensinado na segunda etapa com os itens produzidos na terceira etapa. Os alunos utilizaram os instrumentos fabricados por eles próprios para a criação e execução de ritmos. Foram divididos em grupos, de acordo com os instrumentos, criando diferentes células rítmicas para cada grupo, com o objetivo de possibilitar que eles pudessem ouvir o conjunto de suas ações. Essa etapa funcionou como um encerramento das atividades, unindo todo o conteúdo aprendido e material produzido, e proporcionando aos alunos uma experiência de criação e performance musical coletiva.

11.3 Observações e reflexões

Todos os encontros foram acompanhados por no mínimo duas integrantes da equipe.

Enquanto uma desenvolvia as atividades, a outra analisava etnograficamente o contexto para fundamentar as discussões futuras, a fim de ter um retorno qualitativo do impacto das ações.

Embora no começo os alunos se apresentassem de forma tímida, no decorrer dos encontros foram se ambientando e se mostrando cada vez mais motivados com as oficinas. Era notório o anseio dos alunos pelos encontros, fato confirmado também pelas professoras responsáveis pelas turmas. O comprometimento dos alunos, levando os materiais necessários para as atividades, foi considerado para avaliação do seu envolvimento com as ações.

11.4 Considerações Finais

Uma das intenções do projeto foi trazer à tona a questão do meio ambiente, despertando a reflexão sobre o tempo de decomposição dos resíduos e seu impacto na natureza. O objetivo foi promover a conscientização quanto à importância do consumo sustentável, tanto por meio da redução da quantidade de resíduos produzidos, quanto do reaproveitamento destes. Essa mensagem foi transmitida para os indivíduos ao longo dos encontros durante a construção de instrumentos, de forma lúdica, com aqueles materiais que virariam resíduos não reaproveitados, provavelmente descartados de maneira indevida. Assim apresentamos a possibilidade do contato com a música por meio de alternativas sustentáveis, como a produção de som através de instrumentos construídos com materiais recicláveis.

A música, assim como a arte de modo geral, tem se mostrado uma poderosa ferramenta para a construção do caráter e da sensibilização e humanização do indivíduo. No entanto, muitas vezes aqueles que se encontram numa situação de vulnerabilidade social acabam sendo marginalizados de uma educação completa e eficiente, por questões financeiras, sociais ou culturais do próprio indivíduo, seja pela ausência de recursos, estrutura ou investimento das instituições públicas de educação.

Além dos benefícios culturais e humanitários promovidos pelo ensino da música, nos preocupamos também com a formação da cidadania. Dessa forma, além da abordagem do tema da consciência ambiental e da reciclagem, tomamos como critério de escolha do repertório abordado músicas cuja letra pudesse servir de ponte para despertar a reflexão sobre questões sociais pertinentes àqueles alunos. Entendendo que o estímulo da reflexão e do pensamento crítico é fundamental para uma boa educação e desenvolvimento do ser humano, vemos que a música pode ser utilizada também como meio de proporcionar tal estímulo.

12 QUEM PINTA SEUS MALES ESPANTA: UMA EXPERIÊNCIA COM MULHERES DA TERCEIRA IDADE

Olga Cabral

Quem lida com arte sabe que os efeitos dessa vivência vão além daquilo que um olhar é às vezes capaz de enxergar. Em se tratando das artes visuais, linhas e cores vão assumindo formas, enquanto a tristeza vai cedendo espaço para alegria, motivação, auto estima. Com base nesse fato, foi elaborado o projeto “Quem pinta, representa e canta seus males espanta: uma experiência com mulheres a partir da terceira idade”, envolvendo artes visuais, teatro e música. Esse texto apresenta um recorte do projeto, referente a artes visuais, cujas atividades foram por mim coordenadas e desenvolvidas junto a um discente do Curso Técnico Integrado em Instrumento Musical do Instituto Federal da Paraíba, Campus João Pessoa.

12.1 O projeto, sua importância

O projeto de Extensão foi desenvolvido com apoio financeiro do referido Instituto, através do Edital nº 01/2019, na Casa da Divina Misericórdia⁶. Tivemos como objetivo maior proporcionar às mulheres da terceira idade, a melhoria do seu estado emocional ou psicológico no que concerne ao humor e autoestima, através do contato com a arte e nesse caso, a visual, através da pintura em tecido. A importância de se desenvolver esse projeto numa instituição não governamental que atende idosos deve-se ao fato de que essa população é geralmente acometida de depressão e uma das medidas recomendadas para amenizar e prevenir esse problema é o envolvimento com atividades artísticas. Nesse sentido, esse projeto introduziu a arte como instrumento para melhorar o estado emocional e a autoestima, dessas pessoas.

Ainda podemos citar a importância que o projeto teve na vida do discente que participou como voluntário, por ter a oportunidade de ultrapassar os muros da Escola, aplicando os conhecimentos adquiridos, ao mesmo tempo em que também praticou o exercício da cidadania, sendo solidário e sensível a um problema de ordem social. O projeto também promoveu a convivência de pessoas de diferentes gerações, fato favorável a suscitar no jovem o respeito às diferenças e a compreensão de como lidar com a pessoa idosa.

⁶ A Casa da Divina Misericórdia, parceira social do projeto, é uma ONG localizada no bairro Bancários que, no período da vigência desse projeto, atendia a 33 mulheres a partir da terceira idade. Trata-se de uma casa de repouso permanente para mulheres.

12.2 Processos metodológicos do projeto

No período de junho a dezembro de 2019, utilizamos a arte visual, através de pintura em tecido, seguindo algumas etapas. Inicialmente, foram feitas visitas, à Casa, através das quais iniciamos um processo de contínuo conhecimento mútuo, procurando construir uma relação de confiança e afetividade, através do diálogo, o que nos possibilitou obter informações importantes sobre a Casa e suas moradoras. A etapa seguinte foi de apresentar a pintura para ser apreciada por elas e sensibilizá-las ao ponto de se engajarem nas oficinas. A etapa posterior, foi a aplicação da metodologia de oficinas, envolvendo-as no fazer artístico. Essa etapa requer uma descrição mais detalhada.

12.3 Oficina de pintura em tecido

Dessa atividade participava a coordenadora do projeto (Professora de Artes Visuais), um discente e uma funcionária da Casa. As oficinas ocorreram uma vez por semana, no dia de segunda-feira, à tarde. A participação variava entre 5 a 10 mulheres uma atividade não obrigatória. Participava quem tinha interesse e disposição. Considerando o universo ou o contexto cultural das mulheres, foram explorados como temas das pinturas, natureza-morta – folhas, flores, frutas e objetos - além de retratos.



Foto 15 - Oficina de pintura em tecido



Foto 16 - Atuação do extensionista bolsista

12.4 Exposição para o público

O trabalho das oficinas resultou numa outra etapa que foi a exposição para o público - familiares e amigos - que visitam a Casa. Expusemos seus trabalhos sem a intenção de colocá-los á venda, mas a procura foi tanta, que resolvemos vender e reverter o valor das vendas na compra de materiais para que o projeto tivesse continuidade pela funcionária daquela Casa que nos acompanhou durante as oficinas. Além dessa exposição, realizamos outra no IFPB como uma das atividades da SECT, com a presença de sete das mulheres que participaram da oficina.



Fotos - 17 e 18 - Exposição dos trabalhos

Em reunião semanal, ocorreram planejamento das ações e avaliações do processo pela equipe. Continuamente, através de diálogo e por observações sobre o comportamento do grupo de mulheres participantes das oficinas; fazíamos uma avaliação acerca dos benefícios que a arte lhes proporcionava.

12.5 Considerações finais

Esse projeto proporcionou elevação da auto estima por parte das senhoras, aprendizagem e interesse pela técnica de pintura em tecido e continuação das oficinas de pintura por uma das funcionárias da Casa. Além disso ocorreu uma aprendizagem significativa para a equipe no que se refere ao lidar com a pessoa idosa. Entrar em contato com esse universo, às vezes esquecido pela sociedade, foi ao mesmo tempo desafiador e gratificante. O fazer artístico sem dúvida possibilita a melhora no estado emocional que foi percebido pela satisfação ao realizarem os trabalhos e através do diálogo. Concluindo, apesar do objetivo estar relacionado a saúde mental da pessoa idosa, trabalhamos a arte como educadores, sem a pretensão de sermos arte terapeutas, e alcançamos os resultados esperados. Desejamos ter contribuído para outros estudos que abordem essa questão.

13 O GRUPO DE TEATRO DO IFPB/JP: 23 ANOS DE HISTÓRIAS QUE CABEM NA SACOLA

Palmira Rodrigues Palhano

Dentre os grupos artísticos que compõem atualmente a extensão no IFPB destacamos a presença do Grupo de Teatro do Campus João Pessoa como o mais antigo em funcionamento ininterrupto. Este texto expõe uma experiência de 23 anos de atividades desenvolvidas de forma contínua. Até o momento, o Grupo realizou dezesseis montagens teatrais, das quais apenas quatro foram financiadas com bolsas, contudo todas as montagens/projetos e o próprio grupo se encontram diretamente vinculados à Coordenação de Extensão do Campus.

O Grupo adotou como marca fantasia a denominação de “Cabe na Sacola”. Essa nomenclatura surgiu a partir da montagem do espetáculo “Feijoada Completa”, apresentado no Concurso “Teatro, Escola e Diversidade (TED)”, promovido pelo SESC da Paraíba, no qual conquistamos o primeiro lugar. Nesses festivais, os trabalhos cênicos são avaliados por profissionais da área que contribuem com suas críticas e elogios no momento previsto para o debate sobre os espetáculos. No debate realizado sobre nosso espetáculo nos questionaram porque não utilizávamos o recurso do cenário. Respondi que, diante das dificuldades de conseguir transporte/condução escolar para nos locomovermos e transportarmos o cenário, resolvemos utilizar adereços que “cabiam em uma sacola”. A partir daquela fala, os componentes propuseram que o grupo passasse a utilizar tal denominação. Assim o fizemos.

13.1 Sobre o fazer artístico-teatral

O percurso de erros e acertos na busca da construção de um personagem, as leituras, reflexões, experimentos, trazem em si uma potencialidade de construção de saberes relevantes que contêm inclusive alcance pedagógico. Através do texto, escutamos os outros, nós mesmos e o silêncio com os quais compartilhamos a leitura. As leituras são espaços de comunicação compartilhada de convivência e de co-experiência.

Nas atividades do grupo de teatro “Cabe na Sacola”, exercitamos modos múltiplos de ler/escutar/vivenciar os textos e o que se produz a partir deles: a leitura/a sua vocalização/a sua encenação/representação em público. Tudo isso exige o cultivo de uma presença intensa, do corpo, da voz, dos silêncios, das expressões. A partir de jogos dramáticos, construímos cenas, desenvolvendo a linguagem gestual por intermédio da observação do cotidiano, de exercícios de alongamento, aquecimento, concentração, percepção do espaço e do corpo, laboratórios de interpretação. No confronto entre o texto e os gestos, nascem os

léxicos de expressão física, simbólica, emocional das pessoas envolvidas.

Dirijo formalmente as montagens teatrais, abaixo citadas, mas o faço de modo coletivo. Agrego certo conhecimento em relação à teoria e à prática do fazer teatral; os alunos agregam sua criatividade, energia vital, e alegria às montagens.

13.2 O Grupo de Teatro do IFPB: 23 anos de história

Desde o ano de 1997, o grupo realiza atividades na escola de João Pessoa. Como uma maneira de registrar, de modo historiográfico e simbólico, a prática de ocupação de lugares do ensino e produção de teatro na instituição, compartilharemos a seguir experiências de montagens cênicas realizadas, constituído por extensionistas da comunidade e por alunos de cursos técnicos e superiores. Uma das características dessa experiência de teatro na escola, refere-se a um grupo cujo elenco não é fixo, que possui permanente movimento de renovação.

13.2.1 Cronologia da produção do Grupo de Teatro do IFPB - *Campus João Pessoa*

1997 - Encenações de poemas de alunos: O CEFET-PB/JP iria lançar um livro com poesias produzidas por alunos sob a coordenação do professor de literatura. Propus encená-las com alguns alunos, sendo este meu primeiro trabalho de produção teatral na instituição.

1998 - “Sonhos de uma noite de verão”: Adaptação do texto de William Shakespeare, através de um projeto interdisciplinar com a professora de Literatura, Francilda Inácio.

1999a - Coletânea de textos poéticos nacionais e universais: Agregando complexidade à Semana de Literatura, coordenada pelo professor de Português, Ageirton dos Santos Silva, montamos cenas com os poemas: Soneto de Fidelidade de Vinícius de Moraes, Versos Íntimos de Augusto dos Anjos, José e Procura da Poesia de Carlos Drummond de Andrade, Desencanto e O Bicho de Manuel Bandeira.

1999b - Intervenção Poética: Apresentada na abertura do ‘I Varal de Poesia’, coordenado pelos professores Antônio Rodrigues, de Literatura e Francisco Barbosa Sobrinho, de Música. Unimos a encenação de poesias de alunos do Ensino Médio com a apresentação de músicos da Paraíba, realizando após a apresentação artística debate com a plateia presente. O grupo encenou: Autopsicografia de Fernando Pessoa e O Martírio do Artista, de Augusto dos Anjos.

1999c - A condição humana: do bicho ao poeta: Integração dos dois trabalhos anteriores.



Fotos 19, 20 e 21 – Respectivamente: Sonhos de uma noite de verão, Coletânea de Poesias, A condição humana: do bicho ao poeta

2000a - Dom Casmurro: Adaptação do romance de Machado de Assis.



Foto 22 – Dom Casmurro IFPB/JP

2000b - “Brasil: 500 anos de exclusão social”: Performance apresentada na ocasião da comemoração dos 500 anos do “descobrimento” do Brasil. Este projeto foi fruto de uma parceria realizada com a professora de História, Maria de Belém. Nele performatizamos várias passagens que compuseram a história do Brasil, com destaque para “o descobrimento”, “a escravatura” e “as torturas do regime militar”.



Fotos 23 e 24 – “Brasil 500 anos de exclusão social

2001 - “ABC de Zé da Luz”: Projeto sobre a cultura popular paraibana, objetivando divulgar as poesias matutas e o cotidiano popular. O trabalho integra poesias do paraibano Zé da Luz, nascido na cidade de Itabaiana.

2002 - “A Arte de ser feliz”: De forma interdisciplinar, juntamente com a professora de Literatura, Francilda Inácio, montamos o espetáculo baseado em textos de prosa poética de Cecília Meireles.

2005 - “Intervenção Poética”: Coletânea de poemas nacionais e paraibanos.

1999/2000/2001/2002/2003/2004/2005 - Auto de Natal. O Núcleo de Artes, Cultura e Eventos (NACE) realizou o “Natal Solidário” evento que arrecadava itens de limpeza para os lares de idosos de João Pessoa e constava com apresentações teatrais e musicais.

2006 - “Performance sobre a Violência”: a partir da música Perfeição do grupo Legião Urbana.



Fotos 25 e 26 – Performance sobre a Violência”. Local: Jardim do CEFET/PB

2008 - “Náufragos de Palavras”: Trabalho cênico com poemas do paraibano Lúcio Lins.



Foto 27 – Náufragos de palavras/ Festival de Teatro do Estudante – Teatro Lima Penante

2009/2010 - “É melhor prevenir do que remediar”: Projeto de Extensão integrando o Grupo de teatro e o Núcleo de Prevenção e Educação em Saúde (NUPES).

2012/2013 - “Feijoada Completa”: Adaptação do conto *Feijoada completa*, de Luís Fernando Veríssimo, o qual, por sua vez, é inspirado na música homônima de Chico Buarque. O texto “original” o já traz em si uma relação intertextual com canções. A coordenação de dramaturgia foi da professora de Português/Literatura Analice Pereira.



Foto 28 – Feijoada completa / Festival de Teatro do Estudante / Teatro Lima Penante



Fotos 29- “Negra Sou” / IFPB/Areia

2014/2015/2016/2017/2018 - “Negra Sou”: O espetáculo aborda o preconceito de cor. Fazendo alusão a episódios históricos brasileiros, a saber, a revolta das chibatas e o regime militar, as cenas foram construídas colaborativamente com os alunos. Compõe este trabalho uma adaptação de uma cena do texto “Festa do Rosário” de Lourdes Nunes Ramalho e o poema “Gritaram-me Negra”, de Victoria Santa Cruz. O espetáculo se alterna entre a opressão e a aceitação da identidade negra. Com um tom dramático e festivo, utilizando música ao vivo, os atores tratam de dilemas humanos e preconceitos sociais atuais relativos à raça/etnia.

2019/2020 - “Feijoada Completa”: Re-Leitura do espetáculo com novo elenco.



Foto 30 - Feijoada Completa /Auditório José Marques/IFPB, Recepção do Corpo Discente ETIM 2020

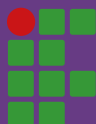
13.3 Considerações finais

A escola tende a desvalorizar o saber prático, relacionando ao subjetivo, relegando-o mais aos espaços de fora do que aos de dentro da sala de aula, secundarizando o valor do lúdico e do artístico como elementos da construção da formação escolar. A discussão sobre o ensino de Artes/Teatro na escola se torna urgente para os que se preocupam com a qualidade da Educação.



OS OUTROS TÍTULOS DA COLETÂNEA REDE RIZOMA

- 1 – Ainda é tempo de viver: núcleo de extensão do IFPB**
- 2 – Núcleo de Extensão Possibilita: ações e vivências no sertão da Paraíba**
- 3 – IMERGIR, VIVENCIAR, COMPARTILHAR: reflexões a partir da prática extensionista**
- 4 – Núcleo de Extensão De Mãos Dadas Com a Comunidade (DEMADC): desenvolvendo ações educativas no Município de Cabedelo - PB**
- 5 – NUCAES: rompendo muros**
- 6 – Edificar: núcleo de extensão**
- 7 – NECCOM: pelas trilhas da cultura e da cidadania**



**INSTITUTO
FEDERAL**
Paraíba

Pró-Reitoria de
Extensão e Cultura



ISBN 978-65-87572-15-4

Pró-Reitoria de Extensão e Cultura
Rua das Trincheiras, n°275 Centro
CEP - 58011 - 000
João Pessoa - PB

E-mail:
proexc@ifpb.edu.br